



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ALICYA KELLE CASCAIS COSTA

**A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: uma análise do processo de ensino e
aprendizagem nos anos iniciais em uma escola pública municipal de Juçatuba
– São José de Ribamar/MA**

São Luís

2019

ALICYA KELLE CASCAIS COSTA

**A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: uma análise do processo de ensino e
aprendizagem nos anos iniciais em uma escola pública municipal de Juçatuba
– São José de Ribamar/MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão (UEMA), como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a M.^a Suely Sousa Lima da Silva.

São Luís

2019

Costa, Alicya Kelle Cascais.

A indisciplina em sala de aula: uma análise do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais em uma escola pública municipal de Juçatuba – São José de Ribamar / MA/ Alicya Kelle Cascais Costa. – São Luís, 2019.

77 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Profa. Ma. Suely Sousa Lima da Silva.

1. Indisciplina. 2. Sala de aula. 3. Aprendizagem. I. Título.

CDU: 37.091.5(812.1)

ALICYA KELLE CASCAIS COSTA

**A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: uma análise do processo de ensino e
aprendizagem nos anos iniciais em uma escola pública municipal de Juçatuba
– São José de Ribamar/MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão (UEMA), como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a M.^a Suely Sousa Lima da Silva (Orientadora)

Mestre em Ciências da Educação
Universidade Estadual do Maranhão

Examinador I

Examinador II

A Deus, que sempre me ajudou, à minha mãe e ao meu pai, que são a minha fonte de inspiração, à minha família em geral e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, por todo seu amor, cuidado, e por todas as vezes que ouviu minhas orações e não me deixou só. Agradeço, ainda, por ter me dado forças para continuar. Sempre quando me encontrei em desespero, Ele esteve acalmando o meu coração.

Aos meus pais, Deuzanira Garces e Zótico Maciel, por todo o cuidado, carinho, amor e pela dedicação à minha educação, vocês sempre foram minha maior fonte de inspiração, sempre tão honestos e esforçados, de uma índole inexplicável, dedicam dias da vida de vocês para me fazerem feliz e por me ensinarem a nunca desistir de ir em buscar dos meus objetivos. Eu amo vocês inexplicavelmente.

Ao meu irmão Allyson Fernando, às minhas avós, Maria Isabel e Maria Apolônia, às minhas tias Graça Maria, Lourdinete Cascais e Lourdinilde Cascais e à toda a minha família, por acompanharem de perto minha trajetória até aqui sempre com palavras de incentivo e toda preocupação com o meu bem-estar.

Ao meu namorado, David Ruan, pelo seu apoio e companheirismo, sempre acreditando no meu potencial e por não ter deixado que eu adiasse este sonho. Agradeço, também, por sua amizade e por participar de todo o meu processo acadêmico-monográfico, acompanhando-me em momentos de cansaço, desespero, reclamações, agonias, estresses e, principalmente, por ter me confortado nas crises de choro, sempre com a frase: Vai dar tudo certo! Obrigada por tudo. Amo você!

Às minhas amigas que conquistei no decorrer da minha trajetória acadêmica. Com um agradecimento em especial, à Drica (Adriana Querle) e à Auri (Aurina Pontes). É difícil mensurar a minha gratidão a vocês, sempre me ensinando e se preocupando comigo, minhas dificuldades não eram poucas, mas vocês nunca mediram esforços para me ajudar. Os meus mais sinceros agradecimentos.

À Prof.^a M.^a Suely Sousa Lima da Silva, por toda a paciência e ensinamentos a mim ofertados durante esse período. Por sempre tirar minhas dúvidas, aconselhar-me e acreditar que eu conseguiria.

À gestora da escola Prof.^a Rosa Raimunda Paixão Garcez, Sonia Maria, por ter permitido a realização da pesquisa em seu ambiente de trabalho, e principalmente às professoras Josiane Garcez e Marinalva Monroe, por terem sido

tão simpáticas e prestativas durante o período de investigação, deixo a vocês o meu muito obrigada.

A toda a turma de Pedagogia 2016.1, por toda cumplicidade e união durante esses quatro anos de graduação.

Às minhas amigas do Juçatuba: Isabelle Neves, Leilane Rose, Patricia Monroe, Alanna Samara, Michelle Monroe, Grazielle Monroe e Geovanna Cristina, por toda preocupação e incentivo durante esta caminhada. A confiança de vocês em mim dava-me força e vontade de continuar.

À Conceição Cascaes, Thayanne Rose, Ednalva Luiza e Valéria de Sousa por todas as dicas e conversas que tivemos durante o período da escrita deste trabalho monográfico, sempre com palavras sinceras e positivas.

Enfim, a todos os meus amigos que estiveram comigo em momentos de choro ou alegria e que entenderam os meus momentos de ausência durante a elaboração do presente trabalho.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo monográfico, intitulado *A indisciplina em sala de aula: uma análise do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais em uma escola pública municipal de Juçatuba - São José de Ribamar/MA*, tendo como referência diversas abordagens existentes no campo teórico sobre a indisciplina escolar, objetivou-se em analisar a indisciplina em sala de aula a partir de observações e entrevistas, tendo em vista as implicações deste comportamento no processo de ensino e aprendizagem no 4º e 5º ano do ensino fundamental da rede municipal, onde buscamos entender como acontece o processo de ensino e aprendizagem dos alunos considerados indisciplinados. Este estudo debruçou-se sobre a partir de uma abordagem qualitativa, um estudo de campo foi realizado baseado em estudos bibliográficos e coleta de dados, tendo como sujeitos da pesquisa: professores e alunos de uma escola pública do Ensino Fundamental I, e a partir da observação direta das aulas das docentes das duas salas estudadas. Baseados em pesquisas os principais motivos que podem levar o aluno a demonstrar um grau de indisciplina em sala de aula são: as relações interpessoais, o ambiente ou espaço físico reservado para as aulas e atividades recreativas e a metodologia aplicada pelo professor. Quanto à falta de limites dos alunos, surge diversos olhares que sustentam este fato como: desestrutura familiar, falta de acompanhamento dos pais, assim como conflitos e questões sociais.

Palavras-chave: Indisciplina. Sala de Aula. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present monograph, entitled *The indiscipline in classroom: an analysis of the teaching and learning process in the first years of students in a municipal public school in Juçatuba – São José de Ribamar, Maranhão, Brazil*, according to several existent approaches in the theoretical field about indiscipline in schools. The aim of this study was to analyze the indiscipline in classrooms from observations and interviews, considering the implications of this behavior on the teaching and learning process in the 4th and 5th grade of elementary school of the municipal network, in order to understand how the process of teaching and learning of students considered undisciplined happens. This study focused on a qualitative approach, a field study was conducted based on bibliographic research and data collection that involved teachers and students of a public elementary school, and also, the direct observation of the two classrooms studied. Based on researches, the main reasons that can lead a student to demonstrate a degree of indiscipline in the classroom are: interpersonal relationships, the environment or physical space reserved for classes and recreational activities, and the methodology applied by the teacher. Regarding the student's lack of behavioral boundaries, there are several perspectives that support this fact, such as family breakdown, lack of parental support, as well as conflicts and social issues.

Keywords: Indiscipline. Classroom. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Intervalo escolar	50
Figura 2 – Intervalo escolar	50
Gráfico 1 – Forma como os alunos se tratam	56
Gráfico 2 – Opinião dos alunos sobre agressão na escola ou em casa, é correto ou não?	57
Gráfico 3 – Autoavaliação dos alunos do seu comportamento	58
Gráfico 4 – Opinião dos alunos sobre indisciplina escolar.....	59
Gráfico 5 – A indisciplina atrapalha seu aprendizado?	60
Gráfico 6 – Você acha importante respeitar seus pais e familiares?	61
Gráfico 7 – Você recebe bons exemplos dos seus pais? Quais?	62
Gráfico 8 – Causas da indisciplina escolar	63
Gráfico 9 – O que ser feito para melhorar a indisciplina	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	16
2.1	Tipo de pesquisa	16
2.2	Universo da pesquisa.....	17
2.3	Instrumentos da pesquisa	18
3	DEFINIÇÕES E CONTEXTO HISTÓRICO DA INDISCIPLINA NO BRASIL	20
3.1	Algumas conceituações sobre a indisciplina Evolução do conceito de indisciplina na educação brasileira	25
4	A INDISCIPLINA ESCOLAR: diferentes abordagens	31
4.1	As abordagens sociológicas	31
4.2	As abordagens psicológicas	36
4.3	As abordagens pedagógicas da indisciplina	38
4.4	As implicações da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem	42
4.5	A importância da família na formação disciplinar dos alunos	46
5	RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS	49
5.1	Observação	49
5.2	Entrevista e questionário	51
5.2.1	O que dizem os professores	52
5.2.2	O que dizem os alunos	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	68
	APÊNDICES	73
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	77

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina consiste em um dos fatores que mais dificulta desenvolver atividades pedagógicas no âmbito escolar, de modo que as principais queixas dos professores são: mau comportamento, desrespeito, desinteresse, bagunça, falta de limite dos alunos, entre outros. Atitudes como essas interferem negativamente no processo de ensino-aprendizagem, chegando, muitas vezes, a inviabilizar parte do que já havia sido planejado, causando estresse e chateação aos professores.

Quanto a essa questão, existem, pelo menos, duas linhas de raciocínio: há quem acredita que a indisciplina resulta da educação de baixa qualidade que é recebida em casa e da permissividade dos pais, o que resulta no enfraquecimento moral do aluno.

Há, ainda, aqueles que transferem a responsabilidade e acusam como responsável, pela falta de disciplina escolar, a desmotivação dos envolvidos no processo educacional: o professor se sente desmotivado em virtude do baixo salário que recebe; já os alunos se sentem desanimados por assistir aulas sem nenhuma ludicidade e inovação.

Além disso, percebe-se que não são apenas os discentes, diretores e coordenadores, mais também os pais e, até mesmo, os próprios alunos estão se tornando reféns da indisciplina escolar. Isso é decorrente do emaranhado de consequências que a falta de disciplina provoca.

Diante disso, surge o seguinte questionamento: o que o professor pode fazer para ter controle perante situações de indisciplina? Não existe uma regra específica para lidar com situações de alunos indisciplinados, muito menos um manual de como findar esse comportamento, tendo em vista que essa tarefa é complicada e que requer persistência.

A parceria entre família/escola ajuda no processo de conscientização e, por isso, ser deve estar sempre consolidada. A família tem um papel insubstituível e decisivo na educação dos filhos, e não deve transferir essa responsabilidade a outrem. Vive-se em uma realidade na qual se percebe que muitos pais de alunos se encontram desorientados diante da educação dos seus filhos.

Sabe-se que a família é o suporte da vida de uma criança. É com ela que a criança aprende valores morais e sociais, bem como limites e regras a serem seguidas. Quando esse processo não acontece e a criança cogita que não há regras

e, por isso, pode fazer o que deseja dentro e fora de casa, acaba acarretando-se um problema prático na sociedade: a indisciplina.

No campo escolar compreende-se a indisciplina quando um indivíduo ou grupo apresenta uma conduta, atitude ou comportamento inadequado, um sinal de desacato, rebeldia, intransigência e, até mesmo, falta de educação. Sob a ótica de Garcia (2013), ela também é capaz de induzir mudanças em ideias e práticas educacionais insatisfatórias, ou seja, a prática indisciplinar dos alunos torna complexo o processo de ensinar e aprender, incidindo em sua qualidade e no exercício docente.

De um lado, há um número elevado de profissionais educativos afetados profissional e emocionalmente por esse tipo de situação indisciplinar, o que leva ao seu afastamento do próprio campo de trabalho e suas funções. Diante dessas adversidades, torna-se necessário que o professor tenha uma postura ética para transpor as dificuldades, de modo a não comparar os alunos e tentar compreender a noção de indisciplina para saber identificá-la no seu cotidiano escolar.

De outro lado, o aluno não deve ser visto como o indivíduo passivo; por exemplo, em sala de aula, as conversações entre os alunos não podem ser tidas meramente como atos de indisciplina, pois a troca de informações e experiências são extremamente importantes na formação da personalidade de cada um.

Nesse sentido, alguns casos acabam configurando-se por uma relação de conflito entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O aluno, ao não prestar atenção na aula e conversar com seus colegas, não percebe, por exemplo, a relevância dos conhecimentos compartilhados pelo professor. Este, por sua vez, em muitos momentos não consegue desenvolver suas metodologias de ensino devido à desmotivação que acaba sendo algo corriqueiro.

Essa desmotivação resulta de um emaranhado de fatores e da falta de disciplina dos alunos com os quais deparam no dia a dia, com desordem tanto em sala de aula quanto em outros ambientes da escola. Tem ainda como parte dessa reclamação a desatenção dos alunos, sendo constante a falta de interesse deles, além do baixo desempenho na aprendizagem e, por conseguinte, a falta de respeito dos alunos para com os professores.

Levando-se em conta esses aspectos e a atual realidade das escolas brasileiras, surgiram os seguintes questionamentos: até que ponto a indisciplina escolar influencia na aprendizagem dos alunos da escola Professora Rosa

Raimunda Paixão Garcez, Juçatuba – São José de Ribamar/MA? Que implicações a indisciplina ocasiona na relação professor-aluno, bem como na relação família-escola?

Com base nessas indagações, o presente estudo monográfico teve como objetivo geral: analisar a indisciplina em sala de aula a partir de observações e entrevistas, tendo em vista as implicações desse comportamento no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, teve como objetivos específicos: identificar as possíveis causas da indisciplina no processo educacional a partir das respostas dos alunos do 4º e 5º ano de uma escola pública municipal em Juçatuba – São José de Ribamar/MA; investigar os malefícios que a indisciplina produz na sala de aula e suas consequências; verificar até que ponto a relação professor-aluno pode interferir no comportamento dos alunos em sala de aula; e averiguar como o acompanhamento familiar influencia na indisciplina ou disciplina escolar dos alunos.

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir de estudos feitos ao longo do Curso de Pedagogia, por parte da autora deste, no qual sempre chamou atenção a indisciplina escolar e o quanto ela se faz presente no dia a dia das escolas. Além do mais, o desenvolvimento deste estudo foi suscitado por meio de observações minuciosas durante o Estágio não obrigatório uma escola da rede privada de São Luís e, também, após os estágios supervisionados em educação infantil disponibilizado pela Universidade Estadual do Maranhão em uma creche e escola da mesma cidade.

Com essas experiências, pôde-se perceber que predominam diversos termos de indisciplina envolvendo alunos em sala de aula. Ambos acrescentaram, significativamente, para a vida acadêmico-profissional da autora do presente estudo, impulsionando o interesse em pesquisar e conhecer cada vez mais os principais fatores, da indisciplina escolar.

Feitas tais considerações preliminares, convém frisar que este trabalho se divide em três capítulos a fim de explorar o tema em pauta.

No primeiro capítulo, procura-se apresentar a forma como a pesquisa foi realizada, isto é, os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados, além das técnicas de análises e organização das diversas etapas da pesquisa.

No segundo capítulo, busca-se trazer definições da indisciplina no ponto de vista de diversos teóricos, traçando um breve contexto histórico e a evolução de tal conceituação no Brasil.

No terceiro capítulo, trata-se acerca das abordagens sociológicas, psicológica e pedagógicas da indisciplina, em que se procura fazer uma comparação das três teorias e analisar o ponto de vista de cada uma. Além disso, busca-se verificar o fenômeno da indisciplina como um desafio da escola na atualidade e as dificuldades encontradas para superá-lo.

A realização da pesquisa de campo foi na escola da rede pública municipal de Juçatuba – São José de Ribamar/MA, Prof.^a. Rosa Raimunda Paixão Garcez, que consistiu em entrevista semiestruturadas com professores e alunos do 4^o e 5^a ano do Ensino Fundamental. A pesquisa contou com observações realizadas na escola citada, além de entrevista com os alunos e professoras, o que necessitou de um vasto estudo bibliográfico para tal realização.

Espera-se que os resultados obtidos com o estudo na comunidade em questão apontem para a necessidade de se perceber que a indisciplina escolar se constitui uma temática de extrema importância para o processo educacional, tendo em vista que a falta de disciplina é um dos grandes desafios no universo escolar, tanto para os discentes quanto para os docentes e família. Logo, além de dificultar o processo de aprendizagem, pode afetar também a construção das relações e até prejudicar a socialização dos alunos.

É importante também, refletir sobre as causas que levam os alunos a se tornarem indisciplinados e buscar meios de diminuir o alto índice de indisciplina nas instituições escolares pois esse tema atualmente mobiliza, e se torna interessante para diretores, coordenadores, professores e pais/responsáveis de diversas escolas brasileiras, inseridas em diferentes contextos. A indisciplina escolar é um tema que merece ser analisado e discutido com frequência, pois no cotidiano da escola, os educadores tentam incansavelmente buscar explicações para existência de tal problema.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho monográfico tem como objetivo geral analisar a indisciplina em sala de aula a partir de observações, questionários e entrevistas, tendo em vista as implicações desse comportamento no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, para atingir esse objetivo, inicialmente adota-se a pesquisa bibliográfica; logo após, a pesquisa de campo de caráter exploratório e abordagem qualitativa, as quais foram indispensáveis para cotejar aspectos qualitativos do estudo em questão, a saber: a indisciplina em sala de aula.

2.1 Tipo de pesquisa

A priori, foi realizado um estudo bibliográfico de materiais já publicados referente ao tema proposto, embasando em livros, teses, dissertações, monografias, artigos e *sites* específicos. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2002. p. 45).

Para Minayo (2002), é a coleta de dados que designa as técnicas que serão utilizadas tanto para a pesquisa de campo quanto para a pesquisa suplementar de dados, caso seja necessário usar pesquisa documental, consulta a anuários, censos e outras. Ciente disso, esta pesquisa utilizou a entrevista como técnica de coleta de dados, com professoras e alunos do 4º e 5º, ano sobre o que cada um dos alunos pensa sobre sua postura em sala de aula e os desafios diários enfrentados pelos professores.

Como forma de buscar analisar o tema proposta, este estudo pautou-se na abordagem qualitativa. De acordo com Chizzotti (1991, p. 79), tal abordagem “parte do princípio de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Godoy (1995) articula que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Logo, teve-se o propósito de entender as principais causas da indisciplina, apresentar a importância de diminuir os atos indisciplinados dos alunos em sala de aula, descrever como os professores agem perante a indisciplina dos discentes, a

metodologia utilizada para ministrar suas aulas, além de considerar o papel essencial da família durante todo esse processo.

2.2 Universo da pesquisa

A pesquisa de campo aconteceu junto a quinze estudantes do Ensino Fundamental da rede municipal, sendo oito do 4º ano e sete do 5º ano, matriculados na escola Professora Rosa Raimunda Paixão Garces, que se localiza no bairro Juçatuba, situado no município de São José de Ribamar–Maranhão, além de duas professoras da mesma instituição.

A professora participante da pesquisa do 4º ano tem 56 anos, é formada em Letras, com 33 anos de experiência em sala de aula. A do 5º ano, tem 43 anos, possui graduação em Letras, com experiência de 24 anos em sala de aula.

Os estudantes observados tinham entre 9 e 13 anos, cursavam o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, alguns com dificuldade em leitura impossibilitando a passagem de série, correndo o risco até de perder a vaga no ensino regular em caso de mais uma reprovação.

A escola em que a pesquisa foi realizada possui um impasse quanto ao seu nome de origem, pois ela é registrada no Ministério da Educação como Escola Municipal Doutor Júlio Matos, e na Secretaria de Educação do município como Professora Rosa Raimunda Paixão Garces. Isso aconteceu devido à comunidade ser movida, anteriormente, por interesses políticos; houve a troca de nome sem ter um consenso comunitário. Em virtude dessa duplicidade de identidade, a escola tem algumas complicações documentais.

Além disso, é válido destacar que a instituição tem 19 funcionários no total, que se alternavam em turnos — pela manhã, tem nove e no turno vespertino 10. O seu funcionamento adota a organização por ciclos, sendo o primeiro ciclo no turno matutino, nas turmas do 4º e 5º ano. O segundo ciclo funciona no turno vespertino, que atende a alunos do 6º ao 9º ano, mas em que segundo relato de funcionários o índice de indisciplina é o mais alto da instituição e a noite que atende ao ensino médio.

Falando um pouco sobre a comunidade quilombola de Juçatuba, ela foi reconhecida como remanescente de quilombos pela Fundação Cultural dos Palmares (FCP) junto ao Ministério da Cultura, em 10 de maio de 2007. A maioria

dos moradores da comunidade tem sobrenome de Garces ou Monroe, isso devido a origem da comunidade que se deu com a chegada dos primeiros escravos fugitivos de fazendas do Estado ou, até mesmo, de estados vizinhos.

A comunidade quilombola de Juçatuba é rica em cultura e diversidade, contemplando Igreja Católica e Evangélica, tambor de mina, diversos festejos religiosos, o bumba meu boi, que é uma das principais referências da comunidade, o futebol, em que boa parte dos moradores são aficionados pela prática, além da praia de Unicamping, conhecida popularmente como praia de Juçatuba, que é de beleza natural imensurável. A pesca e agricultura que antes era fonte de renda predominante no local, aos poucos vão perdendo espaço para o trabalho nas regiões metropolitanas de São Luís.

2.3 Instrumentos da pesquisa

Durante a coleta de dados, teve todo um processo de observação, em campo, com registros diários e de entrevistas com as professoras da classe. Procurou-se analisar como era o dia a dia daqueles alunos e como era a relação professor-aluno na sala de aula.

No tocante à observação, Vianna (2007, p. 12), explica que “é uma das mais importantes formas de informações em pesquisa qualitativa em educação.” Tendo em vista que, na abordagem qualitativa, o pesquisador tem que ter noções claras de como observar, identificar e descrever os vários tipos de interação que ocorrem no processo humano, utilizou-se também o método empírico para se obter informações recorrentes a técnicas de coletas descritivas ou análises de conteúdos que usem os dados coletados dos questionários.

Como procedimentos para coleta de dados, a observação realizou-se de forma não participativa e aplicação de questionário direcionou-se para os alunos e professores(a) da escola. O questionário (Apêndices C e D) foi formulado, em sua maioria, com perguntas abertas para alunos e professoras. Conforme Deslandes, Minayo e Gomes (2012, p. 64) essa forma de entrevistar combina com perguntas “fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação feita”. Dessa forma, foi possível obter o maior número de informações possíveis para pesquisa em questão.

É cabível ressaltar que os recursos mais usados na pesquisa qualitativa são: observação em campo, entrevistas semiestruturadas ou questionários com questões abertas. Prodanov e Freitas (2013, p. 109), nesse tipo de questionário “os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem à escolha entre um rol de alternativas”. Sendo assim, esses instrumentos são indispensáveis para o aprofundamento dos conhecimentos e a análise.

3 DEFINIÇÕES E CONTEXTO HISTÓRICO DA INDISCIPLINA NO BRASIL

Há décadas que a educação brasileira se encontra com uma série de fatores que prejudicam e tardam a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo dos alunos, sendo um dos mais comentados atualmente o comportamento inadequado, o desrespeito, a falta de limites, ou seja, a chamada indisciplina. Afinal, o que pode ser considerado indisciplina? Para responder a essa questão o presente texto traz algumas definições sobre essa temática.

3.1 Algumas conceituações sobre a indisciplina

Por ser um fenômeno complexo e abrangente, estabelecer um conceito para indisciplina é uma tarefa que vários autores tentam realizar ao longo do tempo, mas a diferença entre os posicionamentos é significativa. Quando ouvimos falar na palavra indisciplina, lembra imediatamente do problema como comportamentos inadequados e inconvenientes, mas para entender o que de fato significa indisciplina buscou-se alguns conceitos.

Observa-se, em Barbosa (2009, p. 1), que “O fenômeno, além de não limitar-se a determinados níveis de escolaridade, também não se restringe a países ou culturas específicas”. No entanto, entender os conceitos de indisciplina é de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem.

Analisando o pensamento do autor, observa-se que a indisciplina percorre dois caminhos, o fato de o aluno simplesmente não aceitar, ignorar e até mesmo se revoltar contra as regras ou o dele não a conhecer, o que implica em atitudes maléficas por parte da criança. Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), a palavra indisciplina significa falta de disciplina, desobediência, rebelião.

Para Parrat-Dayan (2008), a indisciplina pode ter significados diferentes, ou seja, depende do ponto de vista de cada professor, alguns podem considerar uma sala de aula disciplinada pelo fato de não fazer silêncio absoluto durante a aula; para outro, a desorganização do material didático; já para um terceiro ponto de vista, a indisciplina pode ser considerada, em algumas situações, positiva, como um sinal de criatividade e de construção de conhecimento. Seguindo o pensamento de Parrat-Dayan, ela corrobora que:

Em geral o conceito de indisciplina é definido em relação ao conceito de disciplina, que na linguagem corrente significa regra de conduta comum a uma coletividade para manter boa ordem e, por extensão, a obediência à regra. Evoca-se também a sanção e o castigo que se impõem quando não se obedece a regra. Assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regra (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 18).

Parrat-Dayan (2008, p. 8) também salienta que: “ser disciplinado não é obedecer cegamente, é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar”.

Analisando as definições que a autora anteriormente retrata, percebe-se que elas expõem uma relação entre disciplina e obediência das normas e das regras sociais, enquanto a indisciplina é a negação diante das disciplinas, sendo aquele que não obedece e segue questionando as regras e os preceitos vigentes em um determinado contexto.

A disciplina escolar não deve ser compreendida apenas no sentido de manter alunos sentados, em silêncio e comportados, mas sim dar a oportunidade para que todos possam se expressar e participar ativamente da aula, respeitando as regras e os limites combinados entre o grupo.

A conceitualização de indisciplina escolar surge na literatura acadêmica a partir da década de 1980 e, desde então, o seu conceito foi sendo considerado de várias maneiras, em momentos e lugares diversos. Porém, ela não surgiu isolada no campo escolar e, ao longo do tempo, vem demonstrando algumas relações com a organização escolar, com as práticas pedagógicas, com a autoridade docente, entre outras. Nas palavras de Garcia (2001, p. 118), “E, ainda que os professores não estejam preparados para superá-la, a indisciplina é um dos principais desafios que perpassam a escola”.

Para Aquino (1996), a indisciplina escolar não é um fenômeno inerte, suas características mudaram ao longo das últimas décadas, apresentando algumas diferenças daquela observada no passado. Na época atual “a indisciplina escolar apresenta expressões diferentes, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar.” (AQUINO, 1996, p. 39).

Do ponto de vista de Estrela (1992, p. 17), a concepção de indisciplina “tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra”.

Nesse sentido, é oportuno delimitar o conceito de indisciplina por outro ponto, com essas atribuições:

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitarem alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaboradas democraticamente. (SILVA, 2014, p. 21).

Será que nas escolas as práticas pedagógicas são favoráveis para que o aluno possa ter discernimento para saber o que é certo ou errado e para fazer uma análise sobre seu comportamento em sala de aula? O papel dos diretores e dos professores, nesse processo, é significativo para que os atos indisciplinados possam ser amenizados? Uma maneira simples e inteligente de trabalhar essas questões é fazendo combinados com os alunos, logo no início do ano letivo, e reforçando a importância do respeito entre alunos-alunos e alunos-professores.

Cumprido salientar as necessidades atribuídas às instituições escolares no quesito de trabalharem a indisciplinaridade escolar como algo que emerge um olhar aguçado e crítico, pois, segundo Freire e Oliveira (2004, p. 24): “sem a disciplina externa é difícil estruturar a interna, na medida em que a interna é uma espécie de introjeção da necessidade da disciplina”.

Ou seja, se o aluno é indisciplinado na escola, o comportamento fora dela dificilmente será outro. Contudo, a indisciplina é produto histórico e originada pelas necessidades humanas, sua existência revela os conflitos de diversas ordens, como disciplina e indisciplina. Na atual escola, pensando em termos da indisciplina é preciso considerar sua polissemia, conforme apontam Caldeira e Rego (2001, p. 79):

Do ponto de vista da investigação, a indisciplina escolar tem-se revelado um fenômeno de difícil operacionalização. É um conceito polissêmico, acentuando-se a diversidade das definições propostas quando se tem por referência diferentes quadros teóricos.

Percebe-se que o conceito de indisciplina se relaciona em diferentes aspectos, variando dentro das diferentes sociedades, culturas, instituições escolares, classes sociais e até mesmo pode ser compreendido diferentemente por cada pessoa e em cada contexto específico.

Werneck (2005, p. 9) descreve que: “a disciplina é baseada em regras claras e definidas escrita em manuais de procedimento”. Assim, é possível entender que disciplina está ligada ao cumprimento das regras que a escola precisa para ter um funcionado digno e de qualidade. Em outros termos, por meio desse contexto é possível corroborar que a indisciplina mantém uma relação afetiva como o descumprimento das regras.

Para que se tenha a definição de indisciplina, Antunes (2002) deseja conceituar o que seria uma classe indisciplinada. Segundo ele existem três características relevantes para que se possa chegar à conclusão que a sala de aula é indisciplinada. Para ele, uma sala de aula indisciplinada não possui condições mínimas para que um professor desenvolva seu papel de auxílio na construção do conhecimento. Essa mesma classe também não permite, ao docente, as condições para desenvolver, no aluno, potencialidades para cidadania e trabalho. Por último, a sala indisciplinada prejudica de maneira significativa o desenvolvimento de uma aprendizagem de qualidade, com vivências geradoras da formação de atitudes aceitas socialmente.

Observa-se, ainda, que a disciplina escolar seria cumprir às regras que ajudam a organizar o âmbito escolar — o que, para Parrat-Dayán (2008), são instrumentos que orientam a conduta nas diversas situações sociais. Parrat-Dayán (2008) diz que a indisciplina é um problema sério e precisa de atenção, ela não tem forma e segue diversos caminhos: falar, jogar papezinhos, não estudar, não escutar entre outros.

Skinner (2003), quando se fala das regras, reconhece o poder de controle que elas exercem, contemplando parte de um grupo de contingências de reforço, ou seja, o não cumprimento das regras seria basicamente o conceito de indisciplina — o que embasaria algum tipo de prejuízo, isso é relativo ao lugar e aos valores dele.

Garcia (1999, p. 102) assegura que “o conceito indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada”. Na convicção do referido autor, a indisciplina deve ser observada em diversos aspectos. Garcia (1999, p. 102, grifo do autor) ratifica que, “é preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão **comportamental**, [...] é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico desta virada de século”:

Vianna (1989) traz um conceito de indisciplina com base em uma visão de disciplina autoritária, prescrita, a uma sociedade que tem um discurso democrático,

mas não passa de uma mantenedora das ideologias de uma minoria detentora do dinheiro. Para a autora (1989, p. 13), fazer uma reflexão sobre disciplina e indisciplina no Brasil é uma atitude “temerária”, pois:

Durante muito tempo o entendimento do conceito de disciplina tem sido sinônimo de ordem e respeito a normas preestabelecidas por autoridades impostas ou eleitas e que, de alguma forma, nos representam, nos lideram ou nos administram, autocrática ou democraticamente, nos diferentes contextos em que vivemos e convivemos com nossos iguais.

A autora descreve essa disciplina sendo autoritária, ciente que ela nada mais é do que a “manutenção da ordem imposta por uma pessoa ou um grupo carismático ou dominador, que precisa ser respeitado, naturalmente ou através da força, instrumento de poder em evidência em determinados momentos históricos”. (VIANNA, 1989, p. 13).

Segundo Saviani (2005, p. 118), até o modo como as carteiras eram organizadas em sala de aula, tinha a ver com esse autoritarismo em que o poder é centralizado no professor.” São fixas e voltadas para um determinado ponto em que se encontra o professor [...] por isso é uma sala silenciosa, de paredes opacas”

Mas olhando por outro lado, será que o fato de a indisciplina ser tão pertinente nas escolas brasileiras é culpa somente do aluno? Com um pensamento diferente do que já foi apresentado, tirando um pouco o enfoque somente do aluno, tem-se a seguinte constatação:

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o Aescola. (TIBA, 1996, p. 117).

Ainda sobre esse argumento, diz Gomes (2012, p. 10) que:

O conceito tradicional e arcaico de indisciplina, que faz com que os professores entendam esse fenômeno como um problema comportamental, no qual apenas os alunos são culpados, deve ser revisto, estudado e melhor compreendido dentro da escola.

O conceito de indisciplina não é estático nem universal, é um conceito cultural, em que o que prevalece são os valores morais e, principalmente, como a disciplina é vista pelo professor dentro da sala de aula. No geral, a indisciplina

envolve: atitudes, comportamentos e condutas que são considerados inadequados, inapropriados ou incompatíveis em relação ao momento, contexto, atividade ou uma expectativa (GARCIA, 2013).

Dessa forma, a indisciplina escolar está intimamente ligada a tudo que diz respeito ao ensino, aos objetivos, às práticas e perspectivas que a orientam, além dos condicionalismos próprios da aula, da escola, da comunidade e do sistema (AMADO, 2001, p. 43).

No ponto de vista de Freller (2001) a indisciplina é explicada como uma forma que as crianças possuem de transpassar que algo não está bem. Para a autora, atrás de um comportamento em que perdura problemas de natureza diferentes, seja psicológico, familiar ou até mesmo com situações vivenciadas no cotidiano de uma sala de aula, não podem passar despercebidos. Nesses casos tanto a família quanto a escola precisam estar atentos as necessidades apresentadas pela criança, pelos medos, sentimentos e dúvidas que elas apresentam através de seu comportamento.

3.2 Evolução do conceito de indisciplina na educação brasileira

A partir do momento em que o ensino e aprendizagem passaram a ser formalizados e planejados no Brasil, sofreram muitas modificações, sendo uma delas a forma de vislumbrar a disciplinaridade escolar.

Pode-se afirmar que há uma disciplina familiar, como há uma disciplina escolar, militar, religiosa, desportiva, partidária, sindical etc., cada qual com sua especificidade e um fundo ético de caráter social que resulta das relações em concorrência para a harmonia social. Dessa forma, não se pode falar em disciplina ou indisciplina escolar independentemente do contexto sócio histórico em que ocorre (ESTRELA, 1994).

Seguindo o pensamento da autora, a evolução do conceito e das práticas disciplinares nas sociedades ocidentais de raízes culturais greco-latinas e judaico-cristãs, acompanha, de certo modo, as mesmas fases e obedece a princípios semelhantes. De certa forma, tal evolução teria feito parte de um conceito de disciplina compreendida como aceitação simultaneamente exterior e interior e que

chegou a uma concepção que valoriza, sobretudo, a interioridade e o engajamento livre do indivíduo.

Vem do pensamento grego a ideia de necessidade de uma ordem e de uma harmonia exterior, em que idealizava que a harmonia que cada indivíduo deve realizar em si mesmo e na pólis é o reflexo da harmonia e da ordem do cosmo em que se enquadra. Analisando um segundo pensamento que também se relaciona a ideia de ordem à harmonia, ao inserir as noções de progresso e de homem como sujeito individual da História, o pensamento cristão acentuou para que houvesse a noção de interioridade e a ideia de uma disciplina que exige a adesão íntima do homem de boa vontade, houve então a necessidade de inserir as noções de progresso e de homem como sujeito individual da História.

O conceito de disciplina fica afetado na medida em que o cristianismo assinala à vida humana um fim transcendente ligado à procura do reino de Deus de uma carga ético-religiosa que o marcou durante séculos. As práticas disciplinares sofreram várias influências de uma religião que exalta o espírito e desvaloriza a matéria, sendo esta fonte de desordem e de pecado. Com isso, nasce um novo conceito do homem e um novo ideal educativo, na prática não consegue libertar a educação de uma disciplina que leva a frear espontaneidade em nome da racionalidade e da espiritualidade.

Considerando que a carga ético-religiosa interligada ao conceito de disciplina perdurou até século XIX. Apesar do laicismo que ia abrindo caminhos nos países ocidentais, ela tende a desaparecer gradativamente no século XX, com as novas concepções educativas que põem em causa a educação tradicional e os seus fundamentos filosóficos e com as condições de vida a que não foram alheios os conflitos mundiais. Assim, essa carga ético-religiosa dá lugar a um vazio axiológico e se transforma em carga ético-política na Educação Nova e, sobretudo, na educação de inspiração socialista (ESTRELA, 1994).

Durante o decorrer da história da educação brasileira, algumas formas disciplinares se fizeram presentes no discurso pedagógico, teve como inspiração diferentes tendências educacionais; cada uma dessas novas tendência trazia um novo modelo para o trabalho da escola e para as formas de lidar com a indisciplina.

Até 1930, predominou no Brasil a concepção “humanista” de educação na qual se distinguem duas vertentes: a religiosa e a leiga. A tendência religiosa humanista tradicional tem bases essencialmente religiosas e encontra suas origens

na Idade Média. A maior influência dessa corrente chegou ao país por meio da Companhia de Jesus, criada por Inácio de Loyola, uma das maiores e poderosas instituições que a igreja possuiu. Vale ressaltar que a Ordem dos Jesuítas não perseguia inicialmente apenas fins educativos, mas também religiosos em que buscavam a confissão, pregação e catequização da população indígena. Criaram, posteriormente, as escolas elementares que se estendiam também aos filhos dos colonos. A partir daí outros cursos passaram a ser ministrados para os homens da classe dominante (SAVIANI, 1983).

Ratio Studiorum (Planos de Estudos) regulava a educação e foi aprovado em 1599, após um período longo de elaboração e experimentação. O ensino era ministrado no colégio, cada um dirigido por um reitor, assistido por um prefeito de estudos, encarregado de dirigi-los e inspecionar os professores (SZENCZUK, 2004).

As táticas provenientes da educação humanista baseavam-se em memorização, expressão e imitação, métodos predominantemente verbais e o conteúdo compreendia a 29 formação em latim e grego, em filosofia e teologia.

Com relação à disciplina, pode-se dizer que era baseada:

[...] na emulação e na competição, fomentadas de vários modos: individualmente, tendo cada aluno um êmulo com quem competir, e coletivamente, dividindo-se as classes em dois grupos rivais, com denominações próprias [...]. Mas a emulação se acompanhava, em sentido negativo, da obediência e da submissão mais completas, mantidas por permanente vigilância, da qual participavam os próprios alunos, por meios das delações e espionagens impróprias de toda educação moral sadia (LUZURIAGA, 1987, p.119).

A metodologia do professor era centralizada na palavra, em que a autoridade do discente era prevalecida e das atitudes exigia dos alunos comportamentos receptivos e impedia qualquer diálogo entre eles durante as aulas, conseqüentemente o processo de ensino e aprendizagem era limitado diante dessa prática. Desse modo, a disciplina era imposta, e o aluno deveria ficar sentado em silêncio, ser obediente e respeitador, reservando o lugar central ao mestre organizador das ações pedagógicas.

Em 1759, após a expulsão dos jesuítas, a estrutura administrativa do ensino no Brasil se desfez alterando a forma de como a educação era organizada. Nesta conjuntura, a reforma do Marquês de Pombal, ministro português, iniciada uma década após a expulsão dos jesuítas, autorizou introduzir leigos no ensino. A

filosofia jesuítica para a disciplina ainda prosseguiu no Brasil (SZENCZUK, 2004). Como descreve Sodré (1967) mencionado por Romanelli (1984, p. 36),

[...] embora parcelado, fragmentado e rebaixado de nível, o ensino mais variado nos seus aspectos orientou-se para os mesmos objetivos, religiosos e literários, e se realizou com os mesmos métodos pedagógicos, com apelo à autoridade e à disciplina estreita, concretizadas nas varas de marmelo e nas palmatórias de sucupira, tendendo a abafar a originalidade, a iniciativa e força criadora individual, para pôr em seu lugar a submissão, o respeito à autoridade e a escravidão aos modelos antigos.

Esse contexto educacional no Brasil, até 1930, foi marcado pela velha educação acadêmica e aristocrática em que a importância dada a educação popular era mínima, refletia na estrutura e organização da sociedade. Essa estrutura começou a dar sinais de ruptura devido aos movimentos culturais e pedagógicos em favor das reformas mais profundas (SZENCZUK, 2004). Somente a partir de 1920, as ideias da nomeada “Escola Nova” começaram a ser difundidas no Brasil. Segundo Gadotti (1996, p.142) essas ideias representam o mais “vigoroso movimento de renovação da educação depois da criação da escola pública burguesa”.

Nos anos de 1930 a 1945 a educação brasileira estava em conflito entre a chamada Educação Nova e Escola Nova. Esboça-se, aqui, do ponto de vista filosófico, outra visão de homem, ou seja, uma visão centrada na existência, na vida, na atividade (SAVIANI, 1983). Nessa perspectiva, o foco da discussão sobre a (in)disciplina passa a ser o desenvolvimento psicológico do aluno e de suas habilidades de conviver com o grupo e se organizar no trabalho escolar.

A tendência humanista moderna predominou no período de 1954 a 1960, e essa época foi marcada pela mudança do modelo econômico e influenciado pelo início da internacionalização da economia. Os aspectos relevantes para compreender o conceito de (in)disciplina educativa e escolar deste período até quando prevalece na educação o que se denomina de tendência humanista moderna relacionam-se aos princípios de respeito ao desenvolvimento da criança (SAVIANI, 1983). Desta forma, “a disciplina surge de uma tomada de consciência dos limites da vida grupal; assim, aluno disciplinado é aquele que é solidário, participante, respeitador das regras do grupo” (LUCKESI, 1994, p. 58). A movimentação da escola novista não chegou a se objetivar como hegemônico nas

práticas escolares e exerceu uma influência remota nos procedimentos adotados nas escolas.

Mais adiante, mais precisamente no final dos anos sessenta, foi configurada a tendência chamada “pedagogia tecnicista”, que invocava os princípios da racionalidade, eficiência e produtividade. Nesse sentido, em meio ao regime autoritário que estava instaurado no Brasil, a educação é tomada como recurso capaz de promover o desenvolvimento econômico pela qualificação da mão de obra. Nesse contexto, a (in)disciplina está relacionada diretamente com a ideia de comportamentos desejáveis e treináveis. As escolas tinham como um de seus objetivos o desenvolvimento de atitudes nos alunos que, juntamente com os conteúdos e habilidades, resultavam em notas (SAVIANI, 1983).

Posteriormente entre o período de 1960 e 1970 surge, paralelamente ao predomínio da tendência tecnicista, um conjunto de estudos denominado por Saviani (1983) de “tendência crítico reprodutivista” representada pelas teorias de Bourdieu e Passeron. Essa tendência estava configurada na ideia de que escola reproduz, em seu interior, as relações sociais, seja por meio da formação da força do trabalho, seja pela inculcação da ideologia dominante, exercendo uma violência simbólica. Do ponto de vista da pesquisa educacional, os estudos sobre as relações de poder na escola ganharam força, e a partir do conceito de “resistência” pode-se ampliar as possibilidades de entender a (in)disciplina escolar (SZENCZUK, 2004).

Por volta de meados dos anos 1980, acontece o surgimento de outra tendência, a chamada “progressista”, referenciada na teoria crítico-social dos conteúdos (SAVIANI, 1983). Aqui propôs-se elaborar uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovada e valorizar a ação pedagógica como prática social. Inicia por meio de uma análise crítica das realidades sociais e sustenta implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Tem-se uma visão da escola como mediadora entre o individual e o social, pois ela tem a função de assegurar aos alunos a absorção dos conteúdos e a análise de modelos sociais que irão fornecer a eles instrumentos para a participação na democratização efetiva do ensino e da sociedade.

Nessa tendência, a disciplina ganha o sentido de vivência, pelo aluno, de um modelo de interação, de ajuda mútua, de respeito aos outros, dos esforços coletivos, da autonomia nas decisões. O professor assume, como autoridade, o papel de intervir e levar o aluno a acreditar nessas possibilidades, a relacionar-se

com a classe e perceber os conflitos. Assim, a disciplina torna-se uma consequência do encaminhamento adotado, do estímulo, da motivação (LUCKESI, 1994).

Da década de 1990 até os dias atuais, algumas críticas giram em torno do sistema educacional com relação ao modo como a escola organiza e conduz seu trabalho no que diz respeito às ações pedagógicas e à maneira de enfrentar os problemas relativos à indisciplina. Estaria a escola passando por uma “crise da educação”, e sem destoar da conjuntura histórica mais ampla que a perpassa, encontra na indisciplina uma fonte de instabilidade do seu projeto normativo e pedagógico que vem sendo elaborado há séculos (GARCIA, 2013).

Cada vez mais a indisciplina predomina e toma grande parte da escola. Para Garcia (2013, p. 103), “a indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressão diferente, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo afetivo”.

4 A INDISCIPLINA ESCOLAR: diferentes abordagens

A forma como se interpreta a indisciplina ocasiona uma série de implicações à prática pedagógica, no sentido de que fornecem elementos capazes de interferir não somente nos tipos de interações estabelecidas com os alunos e na definição de critérios para avaliar seu desempenho na escola, como também no estabelecimento dos objetivos que se quer alcançar (REGO, 1996).

A indisciplina é um fenômeno que não se limita a classe social, é observada tanto em escolas públicas quanto privadas, em que tenta dizer sempre algo que aponta para uma questão do indivíduo ou do grupo. Daí a necessidade de entendê-la em diferentes abordagens; nessa acepção, expõe-se a seguir os pontos de vista sociológico, psicológico e pedagógico sobre a questão.

4.1 As abordagens sociológicas

No presente tópico, alude-se a algumas das principais contribuições dos estudos de caráter sociológico para que se possa compreender melhor o fenômeno da indisciplina escolar. Preliminarmente, há de se destacar, entre os clássicos da Sociologia, Durkheim, que foi um dos teóricos que mais se interessou pela questão da disciplina escolar.

Diante da globalização e do avanço da tecnologia, vive-se um período de grandes transformações e convulsões sociais, em que Durkheim é considerado um sociólogo da ordem, já que as suas obras são voltadas para as formas de integração e convívio social. Para o autor, a moral ensina os indivíduos a dominar paixões e instintos, a atravancar e sacrificar interesses individuais em função dos interesses superiores da coletividade. Durkheim salienta, ainda, que os fins morais seriam somente aqueles que têm por objetivo a sociedade, e não indivíduos considerados isoladamente.

Durkheim, porém, analisa a escola como o meio privilegiado de educação moral, pois, para ele, a educação processaria de forma mais impessoal e contaria com um conjunto de regras que predeterminariam as condutas do aluno. Contudo, a proposta durkheimiana de educação moral não se limita a ensinar à criança um conjunto de preceitos morais específicos.

Fauconnet (2001, p. 28) lembra significativamente que:

A educação moral tem, sem dúvida, o papel de iniciar a criança nos diferentes deveres, de suscitar nela as virtudes particulares, tomadas uma a uma. Mas tem também o papel de desenvolver nela a aptidão geral para a moralidade, as disposições fundamentais que estão na raiz da vida moral, constituir nela o agente moral [...].

Durkheim propõe que se desenvolva, nas escolas, as disposições, os estados de espírito fundamentais que estariam na base da vida moral e que uma vez criados “facilmente se diversificariam de si mesmas, segundo a particularidade das relações humanas” (DURKHEIM, 1984, p. 119).

Em 1922, Durkheim escreveu a obra *A educação moral* e, para Gomes (1985), nessa obra, o autor assegura que a função da escola é preparar a criança moralmente para se integrar à sociedade. Para que a escola consiga alcançar esse objetivo, tal prática se dará por um sistema disciplinar constituído pela autoridade, ou seja, contará com a influência de uma pessoa com um poder moral capaz de desenvolver, na criança, o autodomínio para que esta tenha habilidades para se integrar à sociedade.

Durkheim elucida que a escola é considerada um espaço privilegiado de educação moral, pelo fato de somente nela se encontrar toda uma situação propícia para o desenvolvimento do gosto pela vida regrada, a que ele chama de espírito de disciplina. Para ele, na escola,

Existe todo um sistema de regras que determinam o comportamento da criança. Ela deve se apresentar à classe na hora fixa, uniformizada e numa atitude conveniente; na classe ela não deve atrapalhar a ordem; ela deve aprender suas lições, fazer seus deveres, os deve fazer com uma suficiente aplicação etc. Há assim uma multiplicidade de obrigações às quais a criança está forçada a submeter-se. Seu conjunto constitui o que se chama disciplina escolar. Pela prática da disciplina escolar é possível inculcar na criança o espírito de disciplina (DURKHEIM, 1984, p. 251).

No ponto de vista do autor, a disciplina que é determinada para as crianças na escola de uma forma mediana entre uma disciplina de afeto imposta pela família e uma moral mais austera própria da vida civil. Durkheim vê, o deve da escola como algo mais impessoal e, como consequência, seria mais capaz de habituar a criança a se conter e a preparar-se para os deveres da vida adulta. Para ele, é aprendendo a zelar pelas suas obrigações escolares que a criança aprenderá a se habituar a zelar por seus deveres cívicos e profissionais, quando chegar na fase adulta. A disciplina escolar no entanto tem o dever de colaborar para a

construção no aluno de uma autodisciplina que o ajude a conquistar seus instintos e desejos, que o faça tomar gosto pela vida regrada e que o prepare para viver em uma sociedade que lhe cobrará respeito pelos deveres a serem desempenhados. Durkheim descreve em relação ao sistema de disciplina existente em cada escola:

Como seria interessante saber, não apenas sob a forma de impressões empíricas, mas através de observações metódicas, de que modo funciona este sistema nas diferentes escolas de uma localidade, nas diferentes regiões, nos diferentes momentos do ano, nos diferentes momentos do dia; quais são os delitos escolares mais frequentes; como varia sua proporção no conjunto do território; ou segundo as regiões, como depende da idade da criança, do seu estado familiar, etc. (DURKHEIM, 2001, p.78).

Percebe-se algumas sugestões, dadas pelo autor, de possibilidades de variação que causam a indisciplina em função da região de localização da escola, da idade dos alunos e do seu estado familiar. Em *A educação moral*, ele acaba por vivenciar os fatores relacionados à instituição e à autoridade docente. Nota-se que o professor surge como o principal feitor da ordem a ser mantida em sala de aula e a indisciplina é, muitas vezes, vista como fruto de sua incapacidade de “irradiar autoridade à sua volta” (DURKHEIM, 1984, p. 257). O autor indica como condição fundamental para essa “irradiação da autoridade”, o reconhecimento pessoal por parte do mestre dessa autoridade.

Essa autoridade por parte do professor não seria exclusivamente o direito de punir ou premiar os alunos, mas sim dele mesmo, de seu interior, de fazer o reconhecimento interno de sua importante missão dentro de uma classe. Como diz Durkheim (1984, p. 258), é “necessário que ele creia, não em si mesmo, sem dúvida, não nas qualidades superiores da sua inteligência ou da sua vontade, mas sim na sua missão e na grandeza da mesma”.

Quando se coloca o professor como principal responsável pela existência ou inexistência de disciplina em sala, é uma posição unilateral que contém uma grande fragilidade, sabendo que o fenômeno da indisciplina é muito complexo e acaba arriscando a desconhecer que a autoridade do mestre depende, também, e em larga medida, de outros fatores mais gerais, internos e externos à escola.

Finalizando a contribuição de Durkheim neste trabalho, ele reconhece a historicidade da disciplina escolar, notabilizando que, ao longo do tempo, não apenas o seu conteúdo se modifica, mas também a forma pela qual ele é inculcado. Suas análises são típicas de sua visão coletivista da sociedade, e acabam por não

favorecer um questionamento das regras disciplinares, já que elas são sempre vistas como neutras, positivas e necessárias.

Adentrando na teoria marxista,

[...] a indisciplina, explica-se e legitima-se como uma expressão de luta de classes contra a dominação de valores de classe favorecida economicamente, seria uma contracultura dos alunos advindos de meios desfavorecidos economicamente. A perspectiva marxista fundamenta-se em pesquisas micros sociológicas, que destacam o papel do professor estimulador da indisciplina do aluno, já que indisciplina, concebida como desvio à regra estabelecida, é estimulada por valores arbitrários da classe dominante, da qual o professor é representante. (SOUZA, 2005, p. 28).

Estrela (1994) afirma que essa perspectiva de retirar a culpa do aluno e colocá-la exclusivamente na sociedade e na escola é reforçada pelos resultados de diversas investigações realizadas em classe que reconhece o professor como promotor da indisciplina do aluno. A indisciplina, dessa forma, é um desvio à regra imposta que traduz um sistema complexo e mutável, e que requer do aluno um aprendizado de códigos tácitos para os quais alguns não estão preparados para entender.

Nesse sentido, destacam-se as contribuições de dois autores importantes, os franceses Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1982). Para eles, a indisciplina do aluno é algo que resiste a uma atuação reprodutivista da escola que desenvolve uma violência simbólica sobre aqueles provenientes das classes desfavorecidas ao permanecer as desigualdades sociais. Essa forma de violência acaba sendo camuflada e imperceptível nas ações de quem a desempenha, bem como por quem a sofre, esse processo ocorre pelo fato dela não ser evidente de forma física, mas está presente de forma simbólica, sutil, transfigurada.

A transmissão da cultura dominante, no ambiente escolar, dá-se por meio dos métodos de trabalho, conteúdo, programas, avaliação, relação pedagógicas. As práticas linguísticas mostram a violência simbólica adicionadas pelas classes dominantes sobre as classes populares. Desse modo, cabe aos alunos das classes populares ir em busca de formas de apropriação da cultura imposta pela escola. Para Bourdieu e Passeron (1982), a ação pedagógica é institucionalizada, ou seja, o sistema escolar trabalha a equidade formal. Tal equidade justifica a impassibilidade quando se fala a respeito das desigualdades reais, diante do ensino e da cultura

exigida. Sendo assim, o sistema de ensino contribui tanto para permanecer as desigualdades quanto para legitimá-las, isto é,

Numa formação social determinada, o sistema de ensino dominante pode constituir o trabalho pedagógico dominante como trabalho escolar sem que os que exercem como os que a ele se submetem cessem de desconhecer sua dependência relativa às relações de forças constitutivas da formação social em que ele exerce, porque ele produz e reproduz, pelos meios próprios da instituição, as condições necessárias ao exercício de sua função interna de inculcação, que são ao mesmo tempo as condições suficientes da realização de sua função externa de reprodução da cultura legítima e de sua contribuição correlativa à reprodução das relações de força; e porque, só pelo fato de que existe e subsiste como instituição, ele implica as condições institucionais do desconhecimento da violência simbólica que exerce, isto é, porque os meios institucionais dos quais dispõe enquanto instituição relativamente autônoma, detentora do monopólio do exercício legítimo da violência simbólica, estão predispostas a servir também, sob a aparência da neutralidade, os grupos ou classes dos quais ele reproduz o arbitrário cultural (dependência pela independência) (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 75).

Desse modo, o sistema educacional garante “a transmissão hereditária do poder e dos privilégios, [...] dissimulado, sob a aparência da neutralidade, o cumprimento desta função” (BOURDIEU, 1998, p. 296). Nesse sentido o sistema reproduz as relações sociais, mais precisamente, a estrutura de classes, reproduzindo de maneira diferenciada “a cultura” da classe dominante. Portanto, o sistema educacional, quando investido de poder simbólico, produz, sob aparência de neutralidade, os sistemas de pensamento que legitimam a exclusão (de modo geral explicada em termos de habilidades e capacidades, mau desempenho) dos não privilegiados, convencendo-os a se submeterem à dominação, sem que percebam que fazem. Ou seja, a escola cumpre, simultaneamente, sua função de reprodução cultural e social, qual seja, reproduzir as relações sociais de produção da sociedade capitalista (SAVIANI, 1995).

No pensamento sinalizado por Bourdieu e Passeron, outros autores também apresentam contribuições sociológicas à explicação do fenômeno da indisciplina, entre eles, Baudelot e Establet. Enquanto Bourdieu e Passeron veem a indisciplina escolar como uma resistência dos alunos à imposição de um arbitrário cultural a serviço da função reprodutora da escola, Baudelot e Establet veem a indisciplina como expressão da luta de classes que se manifesta, por exemplo, no uso da linguagem grosseira e em atos de vandalismo (ESTRELA, 1994). Essa luta, na teoria de Baudelot e Establet, se dá no confronto na escola entre a ideologia da

classe dominante (burguesia) *versus* a ideologia da classe trabalhadora (proletariado), uma vez que a classe dominante por meio da escola tenta “impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado” (SAVIANI, 1995, p. 38)

A teoria que Durkheim apresenta faz uma interpretação da disciplina como moral da classe, como a moral propriamente dita, ou seja, é a disciplina do corpo social. Já a teoria marxista advoga a ordem dominante na escola, sendo a mesma da sociedade capitalista, ou seja, a ordem da dominação, o que explica e legitima a indisciplina (ESTRELA, 1994).

4.2 As abordagens psicológicas

Na perspectiva psicológica, o foco da (in)disciplina está direcionado à criança em seu desenvolvimento cognitivo e comportamental e aos mecanismos psicológicos que promovem a aprendizagem de conteúdos e condutas (SOUZA, 2005). Para Skinner (2002), John B. Watson, no ano de 1913, pôs em evidência seu trabalho, tendo como objeto de estudo a Psicologia do comportamento. Até então, a Psicologia era uma ciência que se resumia em estudar apenas a vida mental.

Após a realização de vários estudos e pesquisas, atualmente, entende-se que a psicologia também pode estudar o comportamento, tendo como base só o comportamento, ao invés de ter apenas os sentimentos ou pensamentos, já que estes não podem ser medidos ou verificados, segundo Sidman (2003).

No contexto escolar, a indisciplina está relacionada ao não cumprimento de regras impostas pela escola como indispensáveis ao seu funcionamento. É óbvio que a disciplina está ligada às regras que os adultos, responsáveis pela escola, impõem aos alunos, julgando ser essencial a sua obediência para que possa garantir um eficiente aprendizado. Portanto, “para cada escola e para cada professor esse princípio será traduzido de diferentes modos” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 275).

De acordo com Vygotsky, a aprendizagem está incluída com as relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não é possível apre(e)nder o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta. “Vygotsky defende ainda a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro

de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa.” (BOCK, 1999, p. 124).

Vygotsky afirma que só há aprendizagem se o ensino refletir na zona de desenvolvimento próximo do sujeito que, no caso, é o que aprende. Se for ensinado para o sujeito aquilo que ele já tem conhecimento, não ocorrerá uma aprendizagem significativa nem desenvolvimento. O mesmo acontece se for ensinado algo que está muito além de suas capacidades de aprendizagem, ou seja, para além daquilo que ele possa fazer com a ajuda de alguém, fora de sua zona de desenvolvimento próximo.

O ensino de qualidade garante uma nova aprendizagem e possibilita o estímulo ao desenvolvimento: a função da escola é comandar o trabalho educativo para estágios de desenvolvimento ainda não alcançados pelo aluno, incentivando, assim, novos conhecimentos e novas conquistas a partir daquilo que ele já sabe, desafiando-o para o que ele ainda não sabe ou só é capaz de fazer com a ajuda do educador. Sob esse prisma, o bom ensino acontece em um processo colaborativo entre professor e aluno. De acordo com Vygotsky, ao fazer com o apoio de alguém mais experiente uma tarefa que ainda não consegue fazer sozinho, o aluno se prepara para realizá-la posteriormente sozinho.

Diante dessa discussão, nota-se a importância da interferência intencional do adulto e de um planejamento com excelência do educador com base na avaliação também competente do nível de desenvolvimento já alcançado pelo aluno sem que essa interferência implique em realizar pelo aluno aquilo que cabe a ele fazer. Destaca-se, também, a importância da atividade em grupos de alunos de diferentes idades e níveis de desenvolvimento, pois quem sabe ensina quem não sabe.

Souza (2005) traz algumas ações do professor diante da indisciplina, tendo como suporte a teoria de Skinner, mostra como se pode modificar o comportamento inadequado dos estudantes, fazendo-os se comportar de forma desejável. Segundo a autora, o ensino na perspectiva skineriana seria baseado no reforço seguido imediatamente após o comportamento desejado. Nesse processo, podem ser usadas várias formas de mudar o comportamento indisciplinado, a saber: modelagem, extinção e punição.

Trazendo para o lado da perspectiva histórico-cultural, que surgiu em um contexto de contestação às análises mecanicistas do desenvolvimento humano. Nessa linha de pensamento, o ser humano é considerado:

[...] um sujeito concreto que carrega, em seu psiquismo, marcas da história da humanidade e da sua própria história, e que para se humanizar, necessita se apropriar dos bens materiais e culturais já produzidos (LESSA; FACCI, 2011, p. 134).

Conhecida no Brasil, sobretudo pelas obras de Vygotsky, a psicologia histórico-cultural pensa o fenômeno psicológico como uma experiência pessoal que se constitui no coletivo e na cultura. Dessa forma, esta última carrega possibilidades psíquicas de subjetividade que o ser humano vai construindo em si, através da sua atividade e intervenção transformadora sobre o mundo. Dessa forma, ele se revela como um sujeito histórico que concomitantemente produz e é produzido pelas condições materiais.

Para Bock (2012, p. 17-18), o ser humano pode ser configurado como:

Um ser ativo, social, histórico e cultural; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho produzem sua vida material; as ideias como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a Psicologia.

Nessa perspectiva, busca-se estudar o seu movimento e o movimento de transformação do ser humano que permite a apropriação e o entendimento de uma forma de estar no mundo como produto e produtor de relações e bens materiais. Sendo assim, compreende-se que a indisciplina se constrói como uma forma de agir em um espaço histórico, cultural e social específico e dependente das relações que neles se estabelecem. Tais relações dependem, inclusive, do tipo de instrumentos a que os alunos têm acesso e que fazem uso. Assim, são as condições materiais e imateriais que se oferecem na escola e na sociedade que produzem um padrão de comportamento aos alunos, e não o contrário.

4.3 As abordagens pedagógicas da indisciplina

De modo histórico, a escola foi marcada pelo autoritarismo, muitas vezes relatado, até mesmo, por avós, pais, ou seja, pessoas mais velhas sobre os tempos da “palmatória”, em que os professores eram temidos e usavam e abusavam desse tipo de artifício para conseguir respeito e (mais precisamente medo) e disciplina dos estudantes. A grande dúvida para a maioria dos educadores da atualidade é o que deve ser feito para que a disciplina permaneça e o bom comportamento em sala de aula seja diário.

Como é sabido, para que se tenha uma aprendizagem significativa, é necessário que se tenha disciplina, no entanto, deve ter um certo limite que é estabelecido pelo professor na classe. Disciplina sim, mas com autocontrole; sendo assim, as crianças precisam entender que é importante respeitar o professor e não ter medo, além de respeitar as regras da escola.

As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola, não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa este ou aqueles alunos ou reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso que têm direito (FREIRE, 1998a, p. 35).

À luz de Freire, entende-se que a disciplina interior é muito importante na vida diária, além de ajudar no relacionamento com o próximo. Em sala de aula, esse aspecto torna-se ainda mais importante, já que deve ser transmitido aos alunos de forma clara e objetiva, nas condições que propiciem uma aprendizagem qualitativa. A disciplina escolar é consequência da organização total da escola, isto é, o modo como a instituição escolar está organizada reflete também na relação estabelecida entre o professor e o aluno.

Freire (1998b, p. 46) salienta, ainda, que a própria prática educativa pode contribuir na parte disciplinar já que a mesma:

[...] deve desenvolver: um caráter formador, propiciar relações, treinar a experiência do ser social que pensa, se comunica, que tem sonhos que tem raiva e que ama. Baseado nessa filosofia, o educador deve dar a devida importância à parte social do aluno, porque é nela que ele vive sua realidade dia-a-dia, é nela que ele desenvolve seus instintos e é a partir dela que a indisciplina poder desabrochar.

É necessário que o professor reflita sobre sua prática docente e realize uma autocrítica frequentemente. Sem uma clareza de seu papel em sala de aula, não estará em condições de educar, dado que o aluno capta esta incongruência com muita facilidade, buscando explorar tal fragilidade. Com a falta de convicção da proposta do professor, gera um acúmulo de dificuldades, ocasionando aulas sem aprofundamento, sem a clareza dos objetivos, sem metodologias atualizadas, sem conteúdos relacionados com as necessidades do aluno.

[...] a indisciplina no contexto das condutas dos alunos, dentro ou fora da sala de aula, nas diversas atividades pedagógicas, a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola e também considerar a indisciplina contextualizada o desenvolvimento cognitivo desses alunos. (GARCIA, 1999, p. 102).

Existe um consenso que diz que, sem disciplina, não é possível fazer um bom trabalho pedagógico. Trata-se de verificar o problema. A questão principal não está relacionada à disputa entre professor e aluno, mas sim à organização de todo o trabalho coletivo em sala de aula, para que se possa realizar a construção dos saberes, além de assumir o seu papel de agente histórico de transformação da realidade, por meio de um ensino exigente e inteligente.

À luz de Cury (2003), um dos grandes segredos da educação perpassa pelo afeto, pela emoção. De acordo com o autor, o primeiro passo é elogiar de forma sincera uma pessoa, e somente depois, se necessário, fazer uma crítica, pois o elogio estimula a emoção e a reflexão sobre a crítica. Criticar sem valorizar a pessoa que está sendo criticada trava sua inteligência e seu desenvolvimento. A crítica dura e seca bloqueia a capacidade de pensar e fere a autoestima do indivíduo.

Contemporaneamente, um fato que está contribuindo significativamente para a indisciplina na sala de aula é o desinteresse dos alunos pelo estudo. As aulas estão cada dia mais monótonas, sem ludicidade e os professores não conseguem mais despertar a atenção dos alunos. Portanto, o processo de motivação escolar é complexo, e o professor deve fazer uso de métodos e técnicas a fim de motivar os alunos a recuperarem ou manterem seu interesse em aprender, e uma das maneiras é construir a autoestima e a autoimagem que o educando tem de si mesmo.

Os processos de aprendizagem incluem muitos aspectos afetivos e relacionais. Os êxitos e fracassos que obtemos vão definindo o conceito que temos de nós mesmos (autoconceito). Quando se tenta aprender e se

aprende, vamos formando uma imagem positiva de nós mesmos que sem dúvida nos ajudará a realizar novas aprendizagens, já que gerará em nós uma confiança e uma autoestima positiva que nos impulsionara a seguir adiante (TAPIA, 2001, p. 78).

Dessa forma, cabe dizer que, ao adquirir a motivação, em consequência ocorrerá e facilitará o processo de ensino e aprendizagem, pois, se não existir a motivação por parte dos professores, raramente acontecerá a aprendizagem. Por isso, cabe ao professor se conscientizar da necessidade da motivação no ambiente escolar e que possa estar relacionado com o contexto do aluno, algo que faça parte da sua rotina, e que tenha sentido para a sua vida. Nesse sentido, o aluno acaba se tornando o agente ativo do processo de ensino e aprendizagem, quando ele é estimulado e motivado a crescer; dessa forma, percebe-se que tal crescimento é de extrema necessário.

Para Tapia (2001, p.18), “há alunos que são motivados quando um professor lhes dá pontos à vista de todos os colegas toda vez que responderem corretamente, e não se motivam se não estão em uma situação competitiva”. Nesse caso, parece que tal processo prioritário é que as tarefas a realizar e as matérias a estudar tenham alguma utilidade na prática.

De acordo com Tapia (2001), fazer as tarefas da escola preocupado sobretudo em aumentar a sua própria competência e interessado no descobrimento de novos conhecimentos, na compreensão e no domínio dos conhecimentos ou habilidades cuja aprendizagem está em jogo, define o tipo de motivação com efeitos mais positivos sobre a aprendizagem. Esse processo é algo que todo professor deve ter ao iniciar uma aula, como condição necessária para que se possa motivar seus alunos a aprender, além de atrair sua atenção despertando a curiosidade e interesse dos alunos, características necessárias para distinguir e mostrar a relevância daquilo que será repassado.

A curiosidade é uma atitude, manifesta na conduta exploratória, ativada pelas características da informação tais como sua novidade, complexidade, caráter inesperado, ambiguidade e variabilidade, as quais o professor pode utilizar para atrair a atenção dos alunos (TAPIA, 2001, p. 38).

Mesmo que, para alguns que já são acostumados a aceitar as informações o que os professores apresentam sem questionar, não seja necessário introduzir o conteúdo, agir dessa forma pode ajudar os alunos que não conseguem

progredir, já que, em princípio, aquele modo de ensinar supõe orientar a aprendizagem para a compreensão dos fenômenos, e não para que ocorra a memorização dos acontecimentos.

4.4 As implicações da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem

A indisciplina é um desafio constante para o professor que está diariamente à frente de uma sala de aula, trazendo preocupações diversas para a instituição escolar e, como consequência, desacelerando o processo de ensino e aprendizagem.

Cada vez mais, a indisciplina predomina e toma grande parte da escola. Para Garcia (2013, p. 103) “a indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressão diferente, é mais complexa e criativa, e parece aos professores mais difícil de equacionar e resolver de um modo afetivo”.

A indisciplina é uma das maneiras que as crianças e adolescentes têm de comunicar que algo não vai bem. Por trás de uma guerra de papel podem estar problemas psíquicos ou familiares. Ou um aviso de que o estudante não está integrado ao processo de ensino e aprendizagem (GENTILE, 2002, p. 30).

Esse tipo de comportamento das crianças diz algo importante sobre o seu estado emocional. Como ela está se sentindo, suas expectativas e, até mesmo, suas aflições. Um aluno distraído, disperso na sala de aula pode estar tentando dizer que algo não está bem com ele, e nem sempre os professores dão a atenção necessária a essas questões. Devido à diversidade de alunos que se tem, hoje, nas salas de aula, é preciso que os professores saibam usar estratégias adequadas para lidar com o fator da indisciplina. Mais do que isso, é preciso conhecer a sua história de vida, entender o mundo da criança, criar laços com esse aluno para contribuir com seu desenvolvimento enquanto pessoa.

O *site* da Nova Escola (O QUE..., 2009) traz a questão da indisciplina escolar como sendo uma enorme dificuldade para trabalho docente, pois “a escola passa por dois movimentos de mudança – ambos externos aos seus muros”, que seriam as cobranças cada vez mais, de tarefas da instituição e as condições difíceis de exercício da profissão. Com isso, a Nova Escola realizou uma pesquisa que mostra a indisciplina escolar como liderança das queixas dos professores.

Pesquisa realizada por NOVA ESCOLA e Ibope em 2007 com 500 professores de todo o país revelou que 69% deles apontavam a indisciplina e a falta de atenção entre os principais problemas da sala de aula. Só quem sente na pele a questão no cotidiano tem a real dimensão de como o problema é desgastante, levando ao desestímulo com a profissão e, muitas vezes, até ao abandono (O QUE..., 2009).

Não é de hoje que se fala dessa pauta, a origem do termo indisciplina é latina, tem a mesma raiz que discípulo e é marcado pela sua polissemia (ESTRELA, 1994). A indisciplina percorre de modo contínuo escolas da rede pública e privada, ocorrendo em todos os níveis de ensino, que vai da educação infantil até mesmo ao ensino superior. Sendo assim, o Brasil é mais um país em que a falta de disciplina tem sido vista como um grande problema do sistema escolar.

Quando se reflete sobre as mudanças ocorridas nas escolas brasileiras, pode-se identificar facilmente que estas vêm seguidas de transformações culturais, econômicas, políticas e sociais. A Instituição escolar, assim como a sociedade, sofreu algumas mudanças quanto a seus valores, sua cultura e sua legislação, mudanças essas que originalizaram novas formas de pensar e de fazer educação.

É indispensável que as instituições escolares, de modo geral, invistam em formação ética no convívio entre alunos, professores, e funcionários para dominar as questões indisciplinadas.

A indisciplina é um grande obstáculo pedagógico e passou a ser um pesadelo para o professor, que, em muitos casos, não sabe como agir frente ao problema, com segurança. Parrat-Dayana (2008 p. 11) destaca: “diante de tanta dificuldade ensinar, no momento atual seria uma missão impossível”.

Alguns atos indisciplinados, sem dúvidas, geram várias consequências em torno do ambiente escolar, entre eles, destaca-se o tempo que se leva tentando contê-los, ou seja, a perda de tempo útil de aula. Alguns professores necessitam de muito tempo para conseguir a atenção desejada do seu aluno e, assim, poder explicar o conteúdo e realizar as atividades programadas. Esse tempo poderia ser utilizado para o desenvolvimento de conteúdo, dessa forma, gerando aprendizagem. Além desse fator, há a questão de que, quando um grupo de alunos não está colaborando, o restante da turma também acaba por sofrer as consequências.

Muitas vezes, os professores sentem-se desamparados ao se depararem diariamente com atos indisciplinados nas escolas, e acabam por desanimar,

considerando esse um problema que não pode mais ser controlado. Sabe-se que a indisciplina é algo histórico e sempre existiu, que dificilmente deixará de ser algo pertinente, mas se faz necessário que receba auxílio de toda instituição escolar.

Sobre as causas da indisciplina escolar, quais são? Pode-se concluir que são várias, de modo que a maior parte delas é apontada por pais e educadores sem que se faça uma reflexão dos seus porquês. Toma-se, como exemplo, a questão da falta de valores comumente apontada por estudiosos da temática, e que De La Taille (1996, p. 9) indaga: “quais valores?”.

Essa falta de valores institui uma das três razões por que essa temática disciplina/indisciplina é delicado e requer cautela ao ser debatida. Outras duas razões segundo o autor citado são: o reducionismo, em que justifica a indisciplina como uma única dimensão, no entanto isso não é verídico; é necessário perceber todas as causas desse fenômeno e não apontar apenas uma para as situações em geral. Tem-se, ainda, a complexidade e ambiguidade do tema, isto é, a indisciplina escolar não é composta somente pelo desconhecimento ou a desobediência das normas previamente estabelecidas.

De La Taille (1996) aponta uma das causas quando se refere falta de moral ou vergonha por parte dos alunos. Mas é necessário analisar os motivos na qual acarretam essa ausência. O autor cita uma das transformações ocorridas nas escolas, principalmente os particulares, a partir da última década do século XX: o aluno passou a ser considerado cliente afirma o autor, “o aluno se torna ‘cliente’ a quem a escola vende um ‘produto’. E, como se sabe, o cliente é rei, é ele quem manda” (DE LA TAILLE, 1996, p. 21). Por conseguinte, esse tratamento equivocado é notório diante de reações dos alunos junto aos seus professores, pois há alunos que enfrentam seus mestres afirmando que não lhe devem obediência, que pagam seus salários e que são seus empregadores (DE LA TAILLE, 1996).

Vasconcellos (1995) traz sua contribuição, dizendo como causa da indisciplina escolar, o fato de que a desvalorização social da escola fez com que existisse uma queda do mito da ascensão social, por meio ensino e aprendizagem, diminuindo de forma considerável a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam “ser alguém na vida”, por meio do ensino. A criança é levada a acreditar na possibilidade de sucesso desde muito cedo. Dessa forma, entender que a escola e os estudos não contribuirão para uma ascensão social faz com que os

alunos, desde novos, não se sintam motivados a prestar atenção nos ensinamentos do professor. A escola deixa de ser um ideal e passa a ser uma obrigação.

Um dos desafios da escola é ampliar e reconhecer uma educação para igualitária todos, em que se tenha uma qualidade de sistema de ensino para que possa verificar os problemas, possibilitando novas dimensões sociais e culturais, e ainda focar no processo da prática educativa uma construção de novas possibilidades para gerar aprendizagem. É necessário que a escola mantenha-se organizada, enfocando-se na construção de relações entre a sociedade e buscando superar suas desigualdades sociais, educacionais e até mesmo políticas, sendo assim a educação pode ser direcionada ao processo de uma prática pedagógica, em que as situações educacionais possam dar o desenvolvimento da aprendizagem aos sujeitos que dela participam. Segundo a concepção de Ferreira (2009, p. 3):

Indisciplina é plural, tanto no conceito quanto em suas causas, expressões e implicações no universo escolar. Não apresenta uma causa única, e suas diferentes causas poderiam ser reunidas em dois grandes grupos gerais: um deles relacionados ao que denomina causas internas, e um outro associado às causas externas a escola.

Considera-se que a escola, a família e a sociedade devem estar em constante parceria para que juntos possam contribuir na formação da criança. Se no dia a dia a conduta do sujeito é, independente da função social, de indisciplina, é improvável fazer da escola um ambiente de disciplina. A falta de disciplina neste contexto é fruto de uma sociedade em constante decadência, uma sociedade que vem emitindo o vazio da falta de esperança, respeito e dignidade às novas gerações.

Sabe-se que não é fácil eliminar ou até mesmo minimizar a indisciplina na escola, em todos seus âmbitos. No entanto, ter a consciência de que cada um tem uma parcela de responsabilidade por ela, já é um passo importante. Nesse contexto, percebe-se que uma instituição depende da outra, cada uma com sua finalidade e, se cada fizer sua parte, no fim o resultado poderá ser o esperado.

4.5 A importância da família na formação disciplinar dos alunos

Qual o papel da família quanto ao combate à indisciplina? Essa tem um papel essencial na vida educacional do educando, pois, é dela que, a priori, parte a

educação e é, mediante o fracasso dela, que ocorre uma sobrecarga para a escola, em particular para o professor. Observa-se que, atualmente, uma das causas da indisciplina atribuída ao aluno, especialmente à família.

A indisciplina é explicada por vários fatores. O ambiente escolar, para Dyan (2006), é receptivo a culturas e comportamentos distintos, melhor dizendo, algumas vezes, a cultura da escola e do professor não harmoniza com a cultura dos alunos, bem como a cultura dos pais, que é transmitida para os alunos, divergem das dos professores e a dos alunos. Conseqüentemente, se a cultura familiar é de ausência do autoritarismo, sem limites para os filhos, vai desencadear conflitos entre os valores da escola e os valores que o aluno traz consigo, resultando na indisciplina escolar.

Percebe-se que existem muitas famílias desestruturadas, desorientadas deixando de exercer seu papel diante da educação dos filhos e muitas vezes transferindo essa tarefa para escola. Sabe-se que, antigamente, o papel da escola era somente o de ensinar a ler e escrever, pois vinham de casa com os hábitos comportamentais adquiridos. Nos tempos atuais, todas essas responsabilidades foram deixadas para a escola e a mesma não está conseguindo ter êxito em sua função social ampliada.

Segundo Vasconcellos (2013), algumas famílias não educam, nem dão referências básicas e acabam transferindo essa tarefa para a escola. No momento em que a transferência de responsabilidade é lançada à escola e ela não consegue resultados satisfatórios, reencaminha a problemática para a família, transformando-se, assim, em um “jogo de empurra-empurra”, que termina sem vencedores.

Em alguns casos, os filhos acabam se tornando indisciplinados através das atitudes dos pais, que para satisfazer as vontades da criança, para vê-lo contente, não sabe negar qualquer tipo de pedido, não sabem impor limites, dizer “não”, ou seja, acabam se tornando extremamente transigente e permissivos, e isso pode ser a consequência do pouco tempo junto ao filho, e passa a ser uma forma de recompensá-los.

A parceria entre família e escola é de suma importância na resolução dos conflitos que aparecem no processo ensino e aprendizagem. Vasconcellos (2004), assegura que a necessidade de acompanhar a vida escolar do filho não é apenas quando o filho tem notas vermelhas, mas a presença dos pais ajuda a desenvolver o aprendizado e, principalmente, mostrar a criança o quanto está possui importância.

Vasconcellos (1989, p. 73-74)., assegura ainda que:

[...] é importante que haja participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo (pais, alunos, professores, equipe pedagógica, administrativa etc.), na elaboração das normas disciplinares no âmbito escolar, viabilizando um projeto de participação democrática de forma consciente e interativa para que os problemas relacionados à escola sejam discutidos em conjunto.

Entende-se que a relação entre professor-aluno é a base para obter boas práticas educativas. Dessa forma, um professor que mantém uma boa relação com seus alunos, conseguirá reinventar a moralidade discente, conquistando e atingindo os objetivos propostos em classe, que é construir o conhecimento científico em um ambiente educativo e harmônico.

O mesmo autor contribui, ainda, afirmando:

a relação entre a escola e a família têm se modificado nas últimas décadas”, a maioria dos pais está transferindo à escola a obrigação de educar seus filhos, ensiná-los valores, regras e limites. Eximindo-se de seus compromissos na educação dos filhos (VASCONCELLOS, 1995, p. 63).

Nesse sentido, faz-se necessário repensar de forma coletiva maneiras de organizar trabalhos que contemplem teoria e prática no enfrentamento da indisciplina escolar. É preciso ponderar as ações entre família e escola, pois, é essencial a realização de atividades que envolvam a família, trazendo-a para a escola, pois, o fato de envolvê-la nas decisões as torna parte do processo e faz com que se sintam mais responsável e participativa na vida escolar de seus filhos.

5 RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

Este capítulo apresenta os dados coletados na pesquisa de campo realizada na escola municipal Professora Rosa Raimunda Paixão Garces, estudo realizado com professoras e alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de analisar a indisciplina em sala de aula a partir de observações, entrevistas e questionários, tendo em vista as implicações desse comportamento no processo de ensino e aprendizagem. Para manter, em sigilo, as identidades dos participantes, a professora do 4º ano, será identificada como P1; e do 5º ano P2. Ao longo da análise, serão apresentados os resultados desta investigação.

5.1 Observação

O presente trabalho propôs-se a analisar a indisciplina em sala de aula. Para isso, buscou-se identificar como é o comportamento e relação dos alunos e professoras do 4º e 5º anos da escola anteriormente citada. Dessa forma, utilizou-se a técnica de observação, visto que possibilita, ao pesquisador, extrair informações de grupos e situações que com outras técnicas se tornariam mais complexo.

De acordo com Bechker (1972), a observação é como uma solução para o estudo de fenômenos complexos e de caráter institucional, ou seja, quando se tem a intenção de fazer análises descritivas e exploratórias ou, até mesmo, tem-se o objetivo de inferir sobre um fenômeno que remeta a certas regularidades, passíveis de generalizações.

Lüdke e André (1986, p. 25) afirmam que:

Para que se torne um instrumento válido fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

Dessa forma, é necessário saber “o quê” e “de que forma” o observador irá desenvolver seu trabalho em campo.

Durante o período de observação, percebeu-se que, durante as aulas, as professoras paravam várias vezes para pedir silêncio, e que todos os dias precisam

fazer trocas de lugares de alguns alunos. Isso é decorrente da conversa excessiva e brincadeiras na hora da aula.

Percebeu-se que, durante o recreio, as crianças sentem falta de um local adequado para brincar, haja vista que o pátio da escola é pequeno e não possui brinquedos ou algo que possa distrai-los. Desse modo, acabam tendo liberdade para saírem da escola e procurar outro local para brincar nesse intervalo.

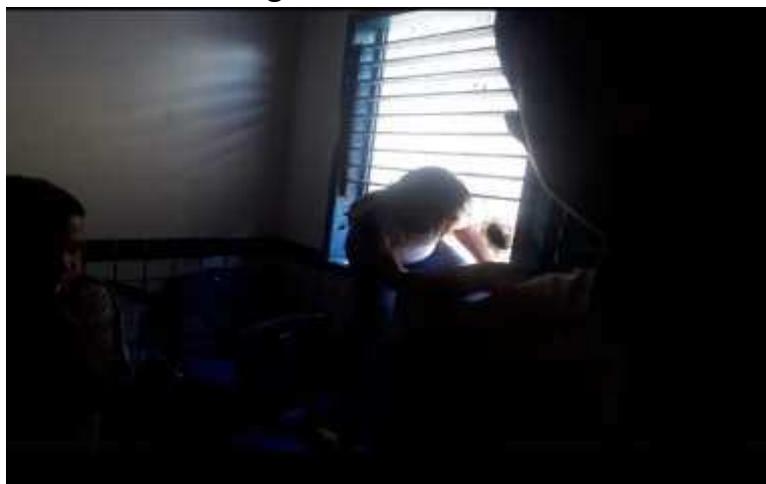
Figura 1 – Intervalo escolar



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Na figura 1, observa-se que as crianças vão para rua no momento do recreio para brincar debaixo de um pé de manga muito conhecido na comunidade, correndo riscos de acidentes ou, até mesmo, fugirem e não voltarem para aula.

Figura 2 – Intervalo escolar



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Em outro momento da observação, notou-se crianças pulando janelas das salas de aula que estão quebradas e não são utilizadas no turno matutino — nesse caso os alunos a utilizam para brincar.

Ressalta-se que a escola não deve só exigir que os alunos cumpram as regras estabelecidas, se não disponibiliza o mínimo de estrutura nesse momento tão importante para as crianças que é o recreio.

5.2 Entrevista e questionário

Conforme anteriormente apontado, a escolha da técnica de pesquisa está estreitamente ligada à natureza da pesquisa a ser desenvolvida. Existem vários instrumentos que podem ser utilizados pelo pesquisador para obter o êxito em sua pesquisa, contudo é sempre importante lembrar que precisa ter muita cautela na escolha dos instrumentos, a qual não pode se dar de forma aleatória. Como um dos procedimentos de coleta de dados, foram utilizados o questionário com alunos e professoras do 4º e do 5º ano e a entrevista semiestruturada somente com as professoras.

É importante salientar que um os recursos mais usados na pesquisa qualitativa é a entrevista semiestruturada e/ou questionários com questões abertas e observação em campo, pois esses instrumentos são apropriados para aprofundar conhecimentos e, depois, analisá-los à luz dos referenciais pesquisados mediante levantamento bibliográfico.

Assim, foram analisadas e discutidas as entrevistas realizadas com duas professoras que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, primeiro ciclo, com o objetivo de compreender suas percepções a respeito da indisciplina escolar. As entrevistas foram efetuadas individualmente, gravadas com a professora P1, e com um roteiro composto por cinco questões iguais para as duas.

Por não haver uma imposição rígida de questões, a entrevista possibilita uma relação de interação entre o pesquisador e pesquisado (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Além disso, “a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 168).

De acordo com Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser definido:

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Foram convidados 15 alunos para aplicação do questionário, sendo 8 do 4º ano e 7 do 5º. Participaram também dessa aplicação as professoras P(1) e P(2).

O questionário das professoras era composto por composto por oito questões todas abertas. Já dos alunos conteve nove questões, sendo oito abertas e uma semiaberta, em que, no primeiro momento, eles marcavam uma das opções e em seguida justificavam sua escolha.

5.2.1 O que dizem as professoras

Ao entrevistar as professoras, ambas com formação acadêmica em Letras, questionou-se sobre o quantitativo de estudantes que eram considerados indisciplinados na sala de aula. A professora P1 informou que oito estudantes expressavam comportamento indisciplinar, e a P2 7 informou que sete alunos eram considerados indisciplinados. Baseado na perspectiva que a indisciplina é uma questão polêmica e isso vem causando algumas questões de como sanar tal problema, perguntou-se a opinião delas sobre o agente causador dessa situação, descreveram que:

P 1 – A família é o agente principal por não dar limites às crianças e não acompanhar sua vida escolar (informação verbal).

P 2 – As mudanças nas leis que protegem a criança (limitam a escola e os pais); a família e o próprio meio (influência da mídia) (informação verbal).

Como é possível verificar na fala das entrevistadas, ambas as professoras afirmaram que a indisciplina está interligada à família como o agente causador da questão.

Seguindo o contexto, perguntou-se a respeito do acompanhamento das famílias no ensino e aprendizagem dos alunos, elas responderam:

P1 – Na minha escola, esse é um dos fatores mais questionáveis, pois as famílias não fazem acompanhamento no ensino e aprendizagem dos alunos, são poucas as famílias que demonstram interesse nesse acompanhamento, pois a maioria não vem quando são convocados e essa

situação reflete no pouco desenvolvimento de alguns alunos (informação verbal).

P2 – Infelizmente a maioria das famílias não acompanha a vida escolar dos seus filhos e não se fazem presentes na escola, mesmo quando são solicitados (informação verbal).

Em informação verbal, as professoras contaram que, em alguns casos, os alunos chegam à escola sem regras e limites, as vezes não atendem às normas da instituição, não realizam os trabalhos escolares, faltam com frequência e praticam agressões verbais entre si.

Para Aquino (1996, p. 17), “as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muitos permissivos”.

Dessa forma, ao serem questionadas sobre o que é feito para minimizar a indisciplina em suas aulas, as professoras relataram que:

P1 – Através de conversar diariamente sobre atitudes e valores importantes para o bem comum da escola (informação verbal).

P2 – Me mantenho firme no que diz respeito ao domínio da turma (informação verbal).

Atentando-se para fala da docente (P2), convém ressaltar Antunes (2015) quando afirma que os professores devem tratar o aluno de uma forma diferenciada, ou seja, após o término da aula o mesmo pode chamá-lo para conversar, em que a ação a ser desenvolvida não deve possuir caráter punitivo, mas o docente poderá revelar o seu interesse em ajudá-lo, mesmo diante do procedimento de sua conduta em sala de aula.

Não é algo raro observar, diante dos problemas de indisciplina escolar, professores “desesperados”, dizendo que não aguenta mais, que todo dia sai de casa sem vontade de trabalhar que as suas condições de trabalho estão cada vez mais difíceis. Sob essa perspectiva, Vasconcellos (1989, p. 130) aponta:

O problema da indisciplina está angustiando cada dia mais os educadores em geral. A grande pergunta que está na cabeça de todos é: o que fazer? Embora esta questão seja da maior importância e deva ser respondida, entendemos que, antes, outras devem ser enfrentadas: o que está acontecendo? O que queremos?

Com relação as consequências que a indisciplina traz para o ambiente escolar, as professoras responderam:

P 1 – Muitas consequências, como déficit de aprendizagem, conflitos que prejudicam as relações, violência e modificação no ambiente escolar (informação verbal).

P 2 – Interfere no trabalho pedagógico e prejudica o desenvolvimento da aprendizagem, além de ocorrer danos à saúde física e mental dos envolvidos no processo (informação verbal).

Aquino (1998, p. 25) afirma que “embora o século XX tenha dado saltos impressionantes na área do conhecimento, tem-se a impressão de que o saber perdeu muito de seu prestígio”. Esse tipo de comportamento acaba impactando na relação entre professor e aluno. Os discentes encontram cada vez mais dificuldades para exercer o seu papel em sala de aula — o que pode gerar estresse, causando desmotivação e afetando o seu desempenho profissional.

A escola não tem capacidade de educar sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. Dessa forma, questionou-se as professoras acerca da forma como a escola pode contribuir na formação do cidadão no tocante à indisciplina:

P 1 – A escola precisa inserir a família no contexto escolar e juntos adotarem medidas para lidar com situações, com ações educativas para fortalecer o convívio escolar (informação verbal).

P 2 – Impondo regras a serem cumpridas, desenvolvendo projetos sobre o tema, punindo os indisciplinados e pedindo ajuda à família (informação verbal).

A indisciplina escolar vem, ao longo do tempo, configurando-se como grande inimiga do educador, principalmente por não ser um comportamento que tem como causa estritamente o meio escolar. Como assegura Vasconcellos (2000), a questão da indisciplina é algo bastante complexo, uma vez que muitas variáveis a influenciam. Nesse cenário, perguntou-se às professoras se elas concordam ou não que o professor, muitas vezes, pode ser o causador da indisciplina em sala de aula, e suas falas foram:

P 1 – Não concordo que o professor seja o causador. Mas entendo que ele precisa ter controle em todos os momentos em sua sala. Pois a clientela é heterogênea e traz suas vivências para a escola (informação verbal).

P 2 – Em alguns casos sim, quando ele não tem domínio de turma, mas na maioria das situações o problema é oriundo das vivências familiares e da própria índole da criança (informação verbal).

Com isso, ratifica-se que sempre devem existir limites, e esses precisam ser seguidos, devendo ser claros e lúcidos, pois é preciso que os alunos saibam que na escola, em sua residência, na igreja, ou seja, em todos os ambientes existem regras que devem ser seguidas. Corrobora-se que o professor deve ser firme para estabelecer e cobrar as regras, mas isso não implica dizer que deva ser autoritário. Um bom diálogo, em que o professor impõe o que pretende, mas também acolhe as sugestões dos alunos, é o caminho adequado para que as regras sejam respeitadas, além de manter uma uniformidade das ações, definindo o que são regras e em que contexto se aplicam de forma a não as quebrar.

Acerca da postura do professor, Vasconcellos (2000, p. 30) afirma que:

A postura pedagógica, neste caso transforma-se numa verdadeira guerra, com os seus participantes (professor e alunos) desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia e do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional.

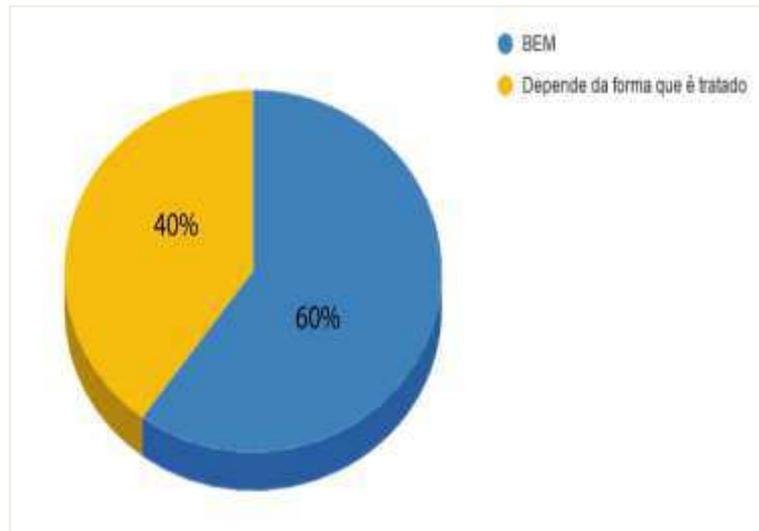
Dessa forma, é oportuno que o professor busque sempre novas maneiras de ensinar, oportunizando o aprendizado de forma dinâmica e, assim, conquistando o seu espaço, demarcando a autoridade que lhe cabe em busca do respeito dos seus alunos — caso contrário, a sua aula não atingirá o objetivo maior que é contribuir para construção do conhecimento do aluno.

5.2.2 O que dizem os alunos

Participaram da pesquisa 15 alunos, no turno matutino, Escola Municipal Professora Rosa Raimunda Paixão Garcez. Analisando o questionário aplicado aos alunos, os resultados obtidos foram: na primeira pergunta feita a eles, “Como você trata seus colegas de classe?” cerca de 60% dos alunos responderam que “tratam bem seus colegas”, outra parte (40%) responderam que “depende da forma que é tratado” se referindo que o seu comportamento não atrapalha o colega e apenas 11% dos alunos responderam que “sim” que seu comportamento em sala de aula

tira atenção dos colegas, portanto são conscientes que atrapalham o aprendizado do colega.

Gráfico 1 – Forma como os alunos se tratam



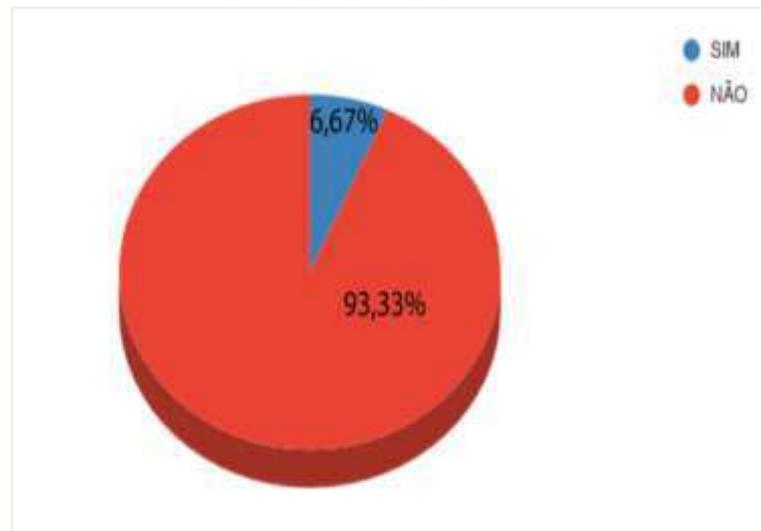
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Entre a maioria das justificativas, estão:

- a) “Bem, mas tem vezes que eles são chatos, mas trato eles sempre bem”;
- b) “Sim, eu trato meus colegas muito bem, gosto deles”;
- c) “Bem, eu converso com eles e brinco”;
- d) “Às vezes trato eles bem, as vezes mal, depende”;
- e) “Eu só trato eles mal quando eles me tratam mal”.

Conforme Santos (2005), é essencial que haja a relação dialógica entre os sujeitos em qualquer prática educativa, pois é respeitando as diferenças que um sujeito se encontra no outro. Dessa maneira, é válido ressaltar que o diálogo e o respeito entre os colegas são fundamentais para que se possa ter uma relação sadia e amigável.

Gráfico 2 – Opinião dos alunos sobre agressão na escola ou em casa, é correto ou não?



Fonte: elaborada pela autora (2019).

De acordo com a leitura do Gráfico 2, nota-se que a maior parte dos estudantes (93,33%) disse que agredir as pessoas é errado, ou seja, que não concorda com esse tipo de comportamento, e (6,67%) disseram que é bom agredir, que gosta da agressão. Dentre as justificativas da maioria estão:

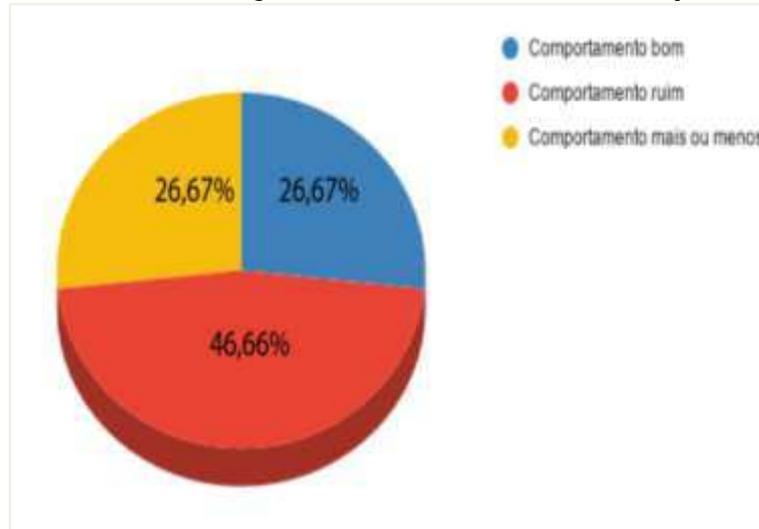
- a) “Não, nunca acho correto bater nas pessoas. Nem na escola, nem na minha casa”;
- b) “Não, agredir as pessoas não é correto, pois se a gente faz algo com as pessoas volta pra gente”;
- c) “Não, porque agredir as pessoas é crime, e eu não vou gostar de ser agredida”;
- d) “Sim, porque é bom é bom agredir as pessoas”.

Fazendo uma análise de forma geral, percebe-se que as agressividades reproduzidas por alunos podem estar ligadas ao que eles vivem dentro do âmbito doméstico, familiar ou escolar, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente.

Nesse sentido, Abramovay (2002) afirma que, no Brasil, tem-se deparado com o crescimento da violência no contexto escolar, envolvendo desde agressões verbais até agressões físicas a membros da comunidade escolar. O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos

de violência, visto que, geralmente, está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência.

Gráfico 3 – Autoavaliação dos alunos do seu comportamento



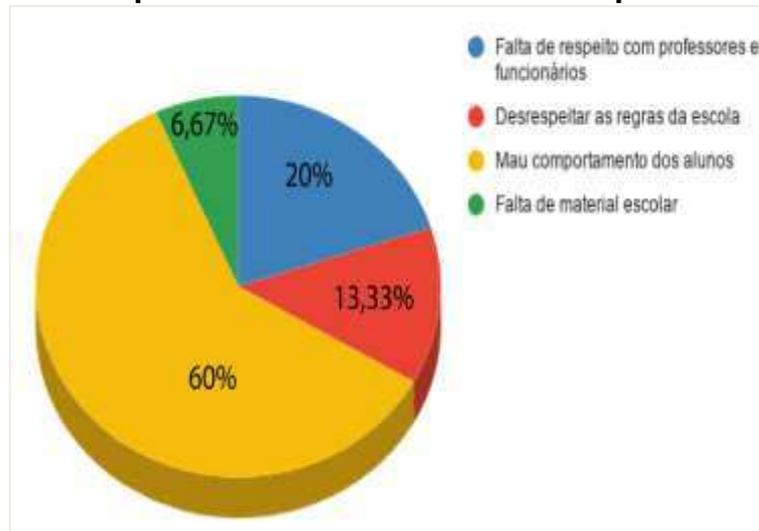
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Os resultados obtidos no Gráfico 3, mostra a autoavaliação dos alunos diante do seu comportamento em sala de aula. Percebe-se que 46,66% dos alunos consideram seu comportamento bom, que não atrapalha a aula e não dá trabalho para a professora. 26,67% consideram o comportamento ruim, diz que conversa durante a aula e, às vezes, desrespeitam a professora. 26,67% informaram que sua postura em sala de aula é mais ou menos, depende do momento e as companhias. Veja-se, a seguir, algumas explicações:

- a) “Bom, porque não fico jogando papelzinho na sala, sou inteligente e respeito as professoras”;
- b) “Converso, mas tem horas que fico sério, confesso que converso muito, mas depois presto atenção”;
- c) “Meu comportamento é ruim, as vezes bato nos meus colegas”.

O comportamento de acordo com Skinner (2003), tem relação com a interação do sujeito com o ambiente e, a relação entre a ação deste e o que seria a emissão da resposta e a consequência, chama-se relação funcional.

Gráfico 4 – Opinião dos alunos sobre indisciplina escolar



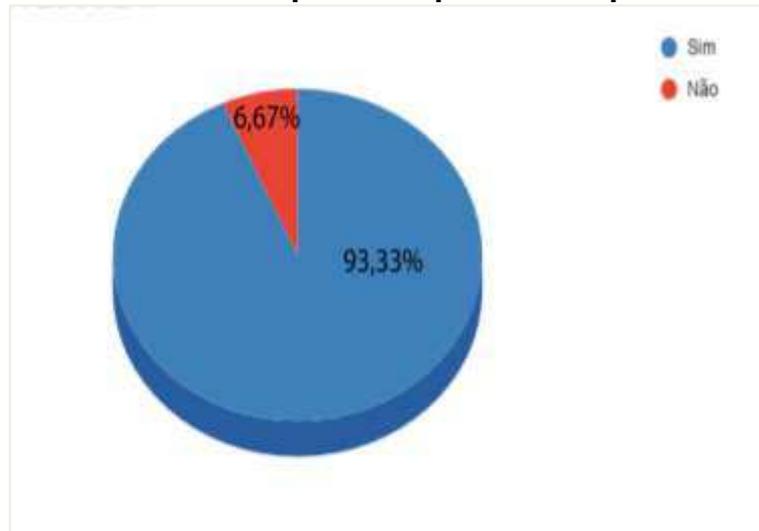
Fonte: elaborado pela autora (2019).

Como observa-se no Gráfico 4, a maioria dos alunos, cerca de 60%, considera que a indisciplina escolar é o mau comportamento dos alunos no geral; 20% associaram a indisciplina à falta de respeito com professores e funcionários; 13,33% disseram que é quando desobedecem às regras da escola; e 6,67% informaram que a falta de material atrapalha no seu comportamento, pois tem que ficar se levantando para pedir emprestado aos colegas e, às vezes, isso acaba atrapalhando a aula. A maior parte dos estudantes justificou da seguinte forma:

- a) “Para mim a indisciplina é aquela pessoa malcomportada”;
- b) “São as pessoas que não se comportam em lugares e chegam atrasados nos compromissos”;
- c) “A indisciplina é a pessoa que não tem respeito pelos funcionários”;
- d) “São os alunos que não respeitam as regras da escola”.

A pergunta que representa o gráfico 4 tinha a intenção clara de descobrir o ponto de vista dos alunos sobre a indisciplina. Portanto, notou-se que os alunos concordam com as colocações de Parrat-Dayán (2008, p. 18): “assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras; e o de indisciplina, com a desobediência a essas regras.”

Gráfico 5 – A indisciplina atrapalha seu aprendizado?



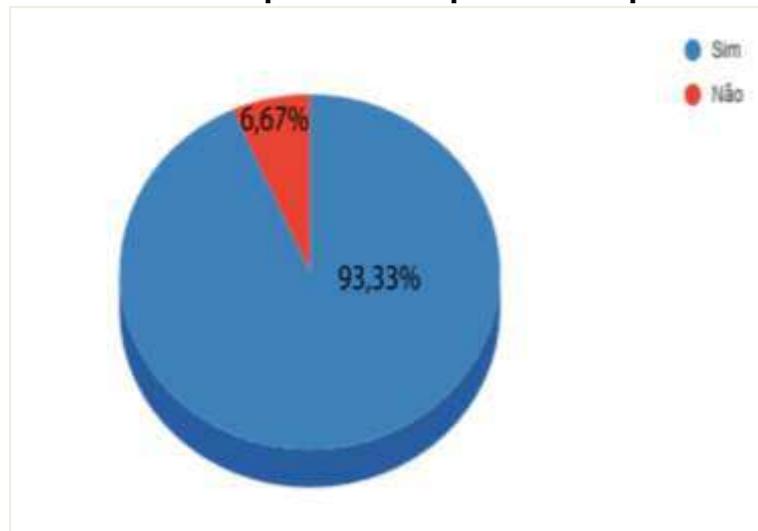
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Nesse gráfico, teve-se o interesse de saber como os alunos analisam o seu aprendizado, uma vez que são considerados indisciplinados em sala de aula e fora dela. Cerca de 93,33% tem a consciência de que a indisciplina escolar atrapalha o aprendizado, dificultando, assim, seu desenvolvimento cognitivo. Veja-se, a seguir, algumas justificativas:

- a) “Sim, o comportamento ruim em sala de aula tira atenção minha e de meus colegas, e acabamos não aprendendo muito”;
- b) “Atrapalha, porque quando estou conversando ou brincando não estou apresentando atenção na aula”;
- c) “Não atrapalha, porque eu consigo conversar e aprender na mesma hora”.

Segundo Tiba (1996, p. 118): “O aluno também é peça-chave para a disciplina escolar e o sucesso do aprendizado”; por conseguinte, o comportamento do aluno considerado indisciplinado, em sala de aula, influencia significativamente o aprendizado.

Gráfico 6 – Você acha importante respeitar seus pais e familiares?



Fonte: elaborada pela autora (2019).

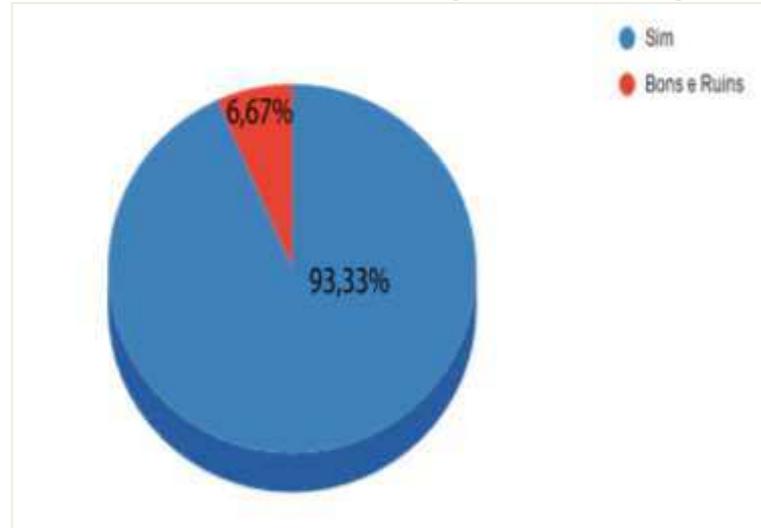
Na análise do Gráfico 6, questionou-se os alunos sobre a importância de respeitar os pais e familiares, 93,33% dos informaram que é importante respeitar a família e diz que faz isso com frequência. Apenas 6,67% disseram que não acham necessário respeitar os pais e familiares, que isso é raro acontecer e costuma fazer todas as vontades.

- a) “Sim, porque é uma coisa muito importante para as crianças respeitar seus pais, pois quando as crianças já forem adultas vai poder dar exemplos para seus filhos”;
- b) “Sim, por que eles são mais velhos e são meus familiares”;
- c) “Sim, porque eles fazem de tudo para me agradar”;
- d) “Não, por que as vezes eles são chatos”.

Como percebeu-se, a maioria dos alunos entende que o respeito é de suma importância na família e uma pequena parte dos entrevistados discordou de tal afirmativa. De acordo com Tiba (2002 p. 67), “faz parte do instinto de perpetuação da espécie, os pais cuidarem dos filhos, mas é a educação que os qualifica como seres civilizados para o desenvolvimento social”.

Dessa forma, corrobora-se que, se a criança tem problemas em casa, isso será refletido diretamente no seu comportamento escolar e, conseqüentemente, no seu aprendizado, ou seja, o respeito deve ser ensinado desde cedo para que no futura a criança não sofra com as conseqüências.

Gráfico 7 – Você recebe bons exemplos dos seus pais? Quais?



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Quanto aos exemplos recebidos pelos pais, obteve-se os dados: 93,33% afirmaram receber bons exemplos dos pais, e apenas 6,67% relataram que, além dos bons, recebem também os ruins. Veja-se a seguir as justificativas:

- a) “Sim, eles me ensinam a me comportar e ter respeito”;
- b) “Sim, tem que respeitar os mais velhos, e não chamar palavrões porque é muito feio”;
- c) “Sim, a não chamar palavrão, não desobedecer aos mais velhos e ter
- d) um bom coração”.

Para Aquino (1996, p. 98), “é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito”. Dessa forma, torna indispensável a afetividade, respeito e amor entre o laço familiar.

Gráfico 8 – Causas da indisciplina escolar

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A oitava pergunta teve como objetivo identificar as principais causas da indisciplina escolar. Foram usadas perguntas abertas e semiabertas, em que, após escolher uma das alternativas, os alunos tinham que justificar a sua escolha.

Foi possível notar que as causas de indisciplina são bem diversificadas e tem como principal a conversa excessiva com os colegas, totalizando 60%. Segundo os alunos, os próprios colegas fazem com eles fiquem indisciplinados, por meio de conversas paralelas e brincadeiras durante a aula.

A maior parte dos estudantes justificou da seguinte forma:

- a) “Eu acho meus colegas muito indisciplinados, vivem conversando”;
- b) “Os pais não veem saber como o meu colega tá se comportando”;
- c) “Por causa do mau funcionamento da escola”;
- d) “Porque as vezes meus pais não têm muito dinheiro”;
- e) “Às vezes a escola é um pouco desorganizada”.

Conforme os alunos, são várias as causas da indisciplina. No tocante a isso, Vasconcellos (1995, p. 23) atribui, como causa da indisciplina, o fator da “desvalorização social da escola em que fez com que houvesse uma queda do mito da ascensão social, por meio ensino e aprendizagem, diminuindo consideravelmente a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam ser alguém na vida”, por meio do ensino.

Gráfico 9 – O que ser feito para melhorara a indisciplina



Fonte: elaborada pela autora (2019).

A partir dos dados do gráfico acima, percebe-se que maioria (26,67%) afirmou a melhoria da indisciplina viria se tivesse uma infraestrutura melhor e retoma a questão do respeito com as professores e funcionários; 20% disseram que não tem lugar para brincar e que precisa ter uma quadra poliesportiva para se divertirem; Além das regras escolares (13,33%), foi citada também a falta de acompanhamento dos pais, bem como a merenda escolar que precisa ser de qualidade.

Entre as justificativas, em geral os alunos disseram:

- a) “O recreio deveria ser mais organizado, deveria ter um parquinho para gente brincar”;
- b) “Na minha opinião deveria ter mais regras”;
- c) “Deveria ter uma quadra p gente praticar esportes”;
- d) “Mais lanche gostoso, aqui é só suco”.

Os alunos reconhecem que a indisciplina de alguns pode atrapalhar o aprendizado da turma e ainda dificulta o trabalho do professor. Mas eles também buscam soluções para amenizar essa problemática. Com esta pesquisa, pôde-se conhecer algumas causas da indisciplina, com vista a melhorar a convivência e a qualidade do ensino do 4º e 5º ano da Escola Municipal Professora Rosa Raimunda Paixão Garces.

De acordo com Amado (2000), uma forma de prevenir a indisciplina na escola está relacionada diretamente com a organização das situações de aula, à gestão das atividades e a um conjunto de atitudes relacionais, de forma que se afastem ou anulem os fatores de perturbação e desvio. Significa dizer que a prevenção da indisciplina está atrelada às diversas dimensões que permeiam as relações que se estabelecem em sala de aula, sejam elas de caráter didático ou relacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto no decurso do estudo, na atualidade, a escola enfrenta um grande obstáculo no processo de desenvolvimento das práticas pedagógicas, tendo em vista os índices crescentes de indisciplina. Isso ocorre devido à escola ser um sistema aberto em interação com o meio social e não está imune às questões de desequilíbrios da sociedade que a envolve. Dessa forma a indisciplina escolar pode ser concebida como reflexo dos conflitos e das transformações que se propagam na sociedade.

Quanto ao objetivo geral, que buscou analisar a indisciplina escolar e o processo de ensino e aprendizagem em uma escola municipal, percebeu-se que as próprias professoras sentem dificuldades em lidar com a referida questão. Foi algo pertinente na fala das educadoras a ausência da participação familiar nesse processo, o que dificulta, ainda mais, a prática pedagógica. Na maioria das vezes, os alunos mais indisciplinados, agem de forma “irregular” sem receio de uma possível punição ou consequências. Ou seja, mesmo que as professoras tenham “pulso firme” com os alunos, falta a parceria e dedicação dos pais. Dessa maneira, a aprendizagem fica fragilizada e desestabilizada.

No tocante aos fatores geradores da indisciplina na escola, na visão das professoras foram notados três argumentos convergentes: ausência da participação familiar, o próprio meio (influência da mídia) e as mudanças nas leis que protegem a criança (limitando a escola e os pais). Logo, por ser tão complexa, a indisciplina escolar não deve ser combatida apenas pelo professor.

Ainda com base nas falas das docentes, a indisciplina é algo que pode ser pensado a partir dos gêneros. Os meninos parecem entendê-la mais como uma questão comportamental; as meninas, por sua vez, relacionam essa problemática às manifestações verbais, principalmente com o excesso de conversa durante a aula.

Outro ponto importante a ser destacado presente nas falas é de que a indisciplina interfere de forma significativa no processo de aprendizagem dos alunos, dificultando a atenção destes. Diante dessa interferência na prática docente, o professor se sente desmotivado e precisa fragmentar o seu tempo para cumprir além do papel de ensinar e educar.

É primordial que os demais atores do processo educacional se envolvam para amenizar, ou mesmo, eliminar a indisciplina na escola. Tais como: professores,

família, escola, comunidade e, até mesmo, os alunos precisam trabalhar de forma consensual para atingir um mesmo objetivo, que é conseguir com que o respeito às regras seja uma realidade no âmbito escolar, fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem flua de maneira ideal e enriquecedora para todos os envolvidos.

Assim, tendo em vista a problemática deste trabalho, entende-se que a ela está temporariamente respondida, uma vez que os fatores que mais contribuem para a presença da indisciplina escolar estão descritos ao longo dos resultados, do mesmo modo que as proposições feitas pelos alunos e professoras participantes. Por conseguinte, infere-se que o ensino e a aprendizagem não podem, ou melhor, não devem ser colocados como produto, mas sempre como processo, ou seja, em constante planejamento, ação, reflexão, replanejamento e novamente ação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.
- ALVESMAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **Os métodos das ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMADO, J. S. **Interacção pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.
- ANTUNES, C. **Professor bonzinho igual aluno = aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AQUINO, J. G. A indisciplina na escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.24, n.2, p.1-14, jul./dez. 1998.
- AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- BARBOSA, F. A. L. Indisciplina Escolar: Diferentes Olhares Teóricos. *In*: IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE. **III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Curitiba, 2009.
- BECHKER, H. A. Observation by informants in institutional research. **Quality & Quantity**, v. 6, p. 157-169, 1972.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva. 2008.
- BOCK, A. M. B. (org.). **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOCK, A. M. B. A Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *In*: A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (org.), **Psicologia sócio histórica**: uma perspectiva crítica em Psicologia. São Paulo: Cortez, 2012. p. 15-36, 2012.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOURDIEU, P. **A economia das tocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CALDEIRA, S. N.; REGO, I. E. Contributos da psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 76-96, abr. 2001.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DYAN, S. Psicologia. Análises da indisciplina na escola. **Revista Nova Escola**, n.3. São Paulo, jul./ago., 2006.

DE LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. *In*: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teorias, métodos e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DURKHEIM, E. **Sociologia educação e moral**. Portugal: Rés Editora, 1984.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto, 1992.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FAUCONNET, P. Introdução: a obra pedagógica de Durkheim. *In*: DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 13-41.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.

FERREIRA, A. M. A GÊNESE DA INDISCIPLINA NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO. *In*: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. **III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR**. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2019/anais/pdf/1899_1921.pdf. Acesso em: 16 out. 2019.

FRELLER, C. C. **Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar**: um desafio para o psicólogo. [s.l.], IPUS, 2001, p. 16. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2001t.PDF>. Acesso em: 23 set. 2019.

FREIRE, A. M. A; OLIVEIRA, I. A. (org.). **Leituras freireanas sobre educação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia de esperança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998b

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Rev. Paran. Desenv.**, Curitiba, n. 95, jan./abr. 1999.

GARCIA, J. Gestão da indisciplina na escola. *In: COLÓQUIO DA AFIRSE/AIPELF*, 11. 2001, Lisboa. **Anais** [...]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001.

GARCIA, J. A indisciplina e seus impactos no currículo escolar. **Nova Escola**, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/553/a-indisciplina-e-seus-impactos-no-curriculo-escolar1>. Acesso em: 13 out. 2019.

GENTILE, P. A indisciplina como aliada. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Abril, jan./fev. 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

GOMES, C. **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1985.

GOMES, M. H. **A indisciplina nas aulas de Educação Física**. 2012. 58 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Brasília – Faculdade de Educação Física Pró-Licenciatura, Porto Velho, 2012.

LESSA, P. V.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo no ensino público do Estado do Paraná. **Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá, v. 15, n. 1, jan./jun. 2011.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Nacional, 1987.

O QUE É indisciplina. *In: NOVA ESCOLAR*. São Paulo: Fundação Lemann, 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1696/o-que-e-indisciplina>. Acesso em: 2 out. 2019.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REGO, T. C. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana. *In: AQUINO, J. G. (org.). Indisciplina na escola*. 11. ed. São Paulo: Sannus, 1996. p.101-127.

ROMANELLI, O. Q. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984

SANTOS, M. S. **Pedagogia da diversidade**. São Paulo: Mennon, 2005.

SAVIANI, D. Tendências e correntes da educação brasileira. *In*: SAVIANI, Demerval *et al.*; MENDES, D. T. (coord.). **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 29. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Livro Pleno, 2003.

SKINNER, B. F. **Questões recentes da análise do comportamento**. Trad. Anita Liberalesso Neri. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução Rodolfo Azzi. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOUZA, D. B. **Representações sociais sobre indisciplina em sala de aula dos professores em início de carreira da rede municipal de Presidente Prudente – SP**: implicações para a formação inicial. 2005. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

SZENCZUK, D. P. **(In)disciplina escolar**: um estudo da produção discente nos programas de pós-graduação em Educação (1981-2001). 2004. 195f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula**: o que é e como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1995.

VASCONCELLOS, C. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, C. **Coordenação do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Libertadora, 2004.

VASCONCELLOS, C. Disciplina e Indisciplina na Escola. **Revista Presença Pedagógica**, Belo horizonte, MG. v. 19, n. 112. p. 5-13, 2013.

VIANNA, I. O. A. A disciplina participativa na escola um desafio a todos os brasileiros. *In*: D'ANTOLLA, A. (org.). **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1989.

VIANNA, I. **A indisciplina participativa na escola**: um desafio a todos os brasileiros. São Paulo: EPU. 2007.

WERNECK, H. **Pulso forte e coração que ama: a indisciplina tem jeito**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO



CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Âmbito escolar

- ✓ Organização da sala de aula;
- ✓ Interação social dos estudantes;
- ✓ Postura e proposta didática do corpo docente;
- ✓ Propostas pedagógicas para aprendizagem dos estudantes indisciplinados
- ✓ Socialização dos alunos durante o recreio
- ✓ Os principais sinais de indisciplina
- ✓ Participação dos pais;
- ✓ Participação dos alunos na aula
- ✓ Interação aluno e professor

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA



CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DO 4º E 5º ANO

- ✓ Qual seu nível de formação?
- ✓ Sua idade e tempo de experiência?
- ✓ Você considera a indisciplina uma das maiores implicações em sala de aula?
- ✓ Existe punição para alunos indisciplinados? Qual?
- ✓ Os alunos indisciplinados são os que tem mais dificuldade em aprendizagem?
- ✓ Os pais costumam acompanhar os filhos na escola?
- ✓ Qual o índice de reprovação na escola?
- ✓ Quais são as principais dificuldades encontradas para manter a sala de aula organizada?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO I



CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

Questionário com as professoras do 4º e 5º ano

- ✓ Entendemos que a indisciplina é uma questão polêmica no ambiente escolar e isto vem causando algumas indagações sobre como sanar tal problema. Então, baseado nesta perspectiva, na sua opinião quem é o agente causador desta situação?
- ✓ Sabemos que a indisciplina gera desânimo tanto para o professor como para a escola e, ainda, para a sociedade. Então, de acordo com esta realidade, o que você faz para minimizar a indisciplina em suas aulas?
- ✓ Na sua concepção qual seria o papel da família na formação moral e social de um ser humano?
- ✓ Existem crianças que ao chegarem à escola não querem ter limites e, nem tão pouco, respeitar as regras impostas. Você atribui esse tipo de comportamento a quem?
- ✓ Que tipo de consequências a indisciplina pode trazer para o ambiente escolar?
- ✓ Como a escola pode contribuir na formação do cidadão no que diz respeito a indisciplina?
- ✓ Você concorda ou discorda que o professor muitas vezes pode ser o causador da indisciplina em sala de aula. Justifique sua resposta.
- ✓ Como acontece o acompanhamento das famílias no ensino e aprendizagem dos alunos?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO II



CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

Questionário com os alunos do 4º e 5º ano

- ✓ Como você trata seus colegas de classe?
- ✓ Você acha correto agredir as pessoas em casa ou na escola? Justifique sua resposta.
- ✓ Como você se auto avalia na escola? Seu comportamento é bom ou ruim?
- ✓ Para você o que é a Indisciplina Escolar?
- ✓ Na sua concepção a indisciplina atrapalha seu aprendizado?
- ✓ Você acha importante respeitar seus pais e familiares?
- ✓ Você acha que recebe bons exemplos de seus pais e familiares? Se sim, quais são?
- ✓ Você acha que a indisciplina escolar é causada:
 - a) () pela metodologia do professor.
 - b) () pelos colegas.
 - c) () pelas condições financeiras
 - d) () por falta de acompanhamento dos pais.
 - e) () por falta de desorganizações da escolaJustifique sua resposta:
- ✓ Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar a indisciplina na escola?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado (a): A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: uma análise do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais em uma escola pública municipal de Juçatuba – São José de Ribamar/MA Desenvolvida (o) por ALICYA KELLE CASCAIS COSTA. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Profa. Ma. Suely Sousa Lima Da Silva.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que em linhas gerais é analisar a indisciplina em sala de aula a partir de observações e entrevistas, tendo em vista as implicações desse comportamento no processo de ensino e aprendizagem.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Minha colaboração se fará de forma anônima. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Luís, 11 de novembro de 2019.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____